Pequena biografia de Dom Duarte Leopoldo, por Monsenhor Paulo Florêncio da Silveira

Enquanto membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, o Monsenhor Doutor Paulo Florêncio da Silveira Camargo escreveu um artigo dividido em dois volumes da revista do Instituto sobre Dom Duarte Leopoldo e Silva, desde seu nascimento, até a morte. Decidi juntá-los em um arquivo só, separado, para facilitar as buscas de quem necessite dele.

Este documento reformatado foi preparado por **Bruno Bonavigo**, com o objetivo de preservar e divulgar a história de São Paulo.

Dedicado a Senhora do Rosário.

Conteúdo do artigo no volume 65 da revista

Retirado de: http://ihgsp.org.br/wp-content/uploads/2018/03/Vol-65.pdf

DOM DUARTE LEOPOLDO E SILVA

Mons. Paulo Florencio da Silveira Camargo

I. A FAMÍLIA, A INFÂNCIA E A MOCIDADE

Bernardo Leopoldo e Silva, natural de São Martinho de Cimbres, região de Portugal, era alfaiate. Sua tesoura está com o Dr. Benedito Calixto de Jesus Netto.

Seu pai Duarte Leopoldo e Silva, que se dizia nascido no reino de Inglaterra, aportuguesara o *Leopold* para Leopoldo. Outros dizem que embora de origem inglêsa era Lamêgo. Casou-se em Portugal com D.ª Maria Cândida do Carmo Morais, da freguesia de Santa Maria de Guiães.

Bernardo, com 22 anos de idade, tomou passagem na Galera *Cidade do Pôrto*, em março de 1858, com destino ao Rio de Janeiro. O passaporte, subscrito por José Beltamis, obteve o visto do Vice-Cônsul do Brasil no Porto (3 de março de 1858).

Chegou a 26 de maio; apresentou-se nesse dia, ao Cônsul Geral de Portugal no Rio de Janeiro, Barão de Moreira. Gostou naturalmente da terra e da gente fluminense. A 31 de dezembro de 1860, vêmo-lo em São Paulo, cidade diferente, porém progressista. Apareceu depois em Taubaté, onde montou a sua alfaiataria.

A 7 de julho de 1865 contraiu matrimônio com D.ª Ana Rosa Marcondes, natural de Caçapava, filha legítima de Francisco Correia de Toledo Leite, natural de Pindamonhangaba e de D.ª Joaquina Correia Marcondes, de Caçapava (1)

Foram testemunhas do casamento o Dr. Antônio da Veiga Cabral e João Batista de Moura, diante do Vigário Pe. José Pereira da Silva Barros. Casal feliz. Apareceram a seguir os filhos em série de dez sobreviventes: Duarte Leopoldo e Silva, em homenagem ao avô paterno, Leonor, Isaltina, Maria Cândida (depois chamada Irmã Cecília), Natanael, Francisco, Quintiliano, Artur, José e Tarcísio

Contou-nos Mons. Sílvio de Morais Matos, que lera um escrito de D. Duarte, um dêles chamava-se Getúlio.

O Sr. Leopoldo e D.ª Ana Rosa cumpriam serenamente com os seus deveres de pais vigilantes, formando-lhes os caractéres, fortalecendo-lhes os corações com bálsamos estimulantes das virtudes cristãs, que lhes ensinavam com a palavra e, sobretudo ,com os exemplos, encaminhando-os, bem ce-

---

1) — Cúria Metropolitana de São Paulo, PROC. ORD. 531651, pgs. 1, 28, 30 e 31.
O sacerdote que presidiu o casamento, Vigário Pe. José Pereira da Silva Barros, posteriormente Bspo de Olinda depois do Rio de Janeiro, Arcebispo titular de Darnis e Conde de Santo Agostinho.

do, para a escola de mestre de sólida cultura e, principalmente, de firmada moral cristã (2). Pai de caráter autoritário e severo, compensado pela meiguice e alegria expansiva da mãe.

Duarte, o mais velho de todos, nasceu a 4 de abril de 1867, em Taubaté em cuja igreja fôra batizado a 21 de junho de 1867, com dois meses e meio, pelo Pe. João Alves Coelho Guimarães. Padrinhos José de Farias Pereira e D.ª Joaquina Correia Marcondes. O Sr. Leopoldo adquiriu uma propriedade agrícola (*Cabeça de Boi*) em Caçapava Velha, onde nasceram vários de seus filhos.

Não se acomodou com a agricultura. Foi residir em Taubaté, muitíssimo desanimado. D.ª Ana Rosa Marcondes e Silva, sua espôsa, pertencente à tradicional e nobre família dos Marcondes, mostrou-se heróica; manteve o marido no trabalho de alfaiate, enquanto ela própria providenciava o que faltava para a manutenção dos filhos.

O menino Duarte aos sete anos de idade foi levado à escola do Professor Tristão, homem íntegro, tipo do mestre escola de seu tempo. Frequentou aquêle curso inicial (1874 a 1877), ou seja entre os seus sete e dez anos. Passou, depois, a frequentar o reputado Colégio do Dr. Quirino de Castro. Seria o Colégio São João Evangelista?

Emérito educador, o Dr. Quirino exercia o magistério como um sacerdócio. O estudante Duarte fêz o curso de humanidades, nos sete anos de estudos, com real brilhantismo, como provam as notas alcançadas nos exames feitos no Curso anexo à Faculdade de Direito de São Paulo, em 1884. Era também de caráter definido.

Ao concretizar a energia moral do homem assim se expressa Guibert: "A tendência dominante determina o valor do caráter. É ela de fato, que designa ao homem o caminho que êle deve seguir na vida. O homem tem, pois, todo o interêsse de colocar a sua alma sob o império da tendência mais nobremente vantajosa.

Ora, dentre tôdas as qualidades morais, a que mais eleva um caráter, a que apresenta maiores recursos, a que assegura à existência humana o mais certo rendimento, pessoal e social, é sem contestação a energia da vontade. Assim, é costume na linguagem corrente, cosiderar como têrmos sinônimos o caráter e a energia moral. É dizer que, de tôdos os carateres, o que por excelência merece êsse nome, se assinala pela fôrça de vontade. Ter vontade é ter caráter. De quem não tem vontade pode dizer-se que não possui caráter. E não é, certamente, sem razão que a palavra caráter abandona uma significação mais larga, para se limitar à expressão de energia moral." O menino Duarte tinha caráter de rigorosa fixidez.

---

2) — ESBÔÇO BIOGRÁFICO, 23, 28 e 29.
Monsenhor Victor Rodrigues de Assis explica os nomes: *Duarte* — aquêle que defende o bem contra o mal. *Leopoldo*: povo audaz. *Silva* — Selva ou floresta. Vide o Livro D. DUARTE LEOPOLDO E SILVA, 1.º ARCEBISPO DE SÃO PAULO, pg. 18.

Aos 18 anos, matriculo-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, parece, porém, ter seguido lá, durante dois anos, o curso de Farmácia, anexo ao casarão da Rua da Misericórdia. De Taubaté ao Rio ia-se pela estrada de ferro D. Pedro II, atual Central do Brasil.

Ao findar o segundo ano, grave moléstia o atacou, impossibilitando continuar seu curso iniciado com tanto entusiasmo. (3) Voltou a Taubaté e foi tratado pelo Dr. Emílio Winther, Doutor em Medicina pela Universidade de Leipzig, habilitado pela Escola de Medicina do Rio de Janeiro, que diagnosticou "coréia" (4) (dança de São Guido). Bom clima, repouso e os sérios cuidados do médico referido, conseguiu receber alta, "restabeleceu-se, gozando perfeita saúde". Deveria ser em 1886, êste episódio enfermiço.

"François Copée escreveu, no "Bom Sofrimento", admiráveis páginas em tôrno de certos padecimentos que surpreendem o homem, em pleno vôo de seus sonhos ou em plena atividade de seus ímpetos, e o prostram irremediàvelmente vencido em meio da jornada em que lá se ia, em desabalada carreira para uma objetiva certa". (5)

Às vêzes se levanta com outra rota bem melhorada.

2. O SEMINÁRIO E JAÚ.

Neste ínterim, após reflexões e muitas orações, Duarte resolveu mudar de orientação vocacional. Procurou seu Batisante, Monsenhor João Alves Coelho Guimarães, então Reitor do Seminário Diocesano de São Paulo. Abriu-lhe todo o seu coração, imerso em lutas imensas, ouviu palavras de confôrto e insistência a redobrar seu fervor religioso pela assiduidade nas orações e na recepção dos sacramentos. A Divina Providência o iluminaria, infalivelmente, para o que também êle, com insistência, suplicaria ao Deus Onipotente com o máximo interêsse.

Algum tempo depois, Duarte apresentou-se ao Monsenhor Reitor: *tinha resolvido ser padre.*

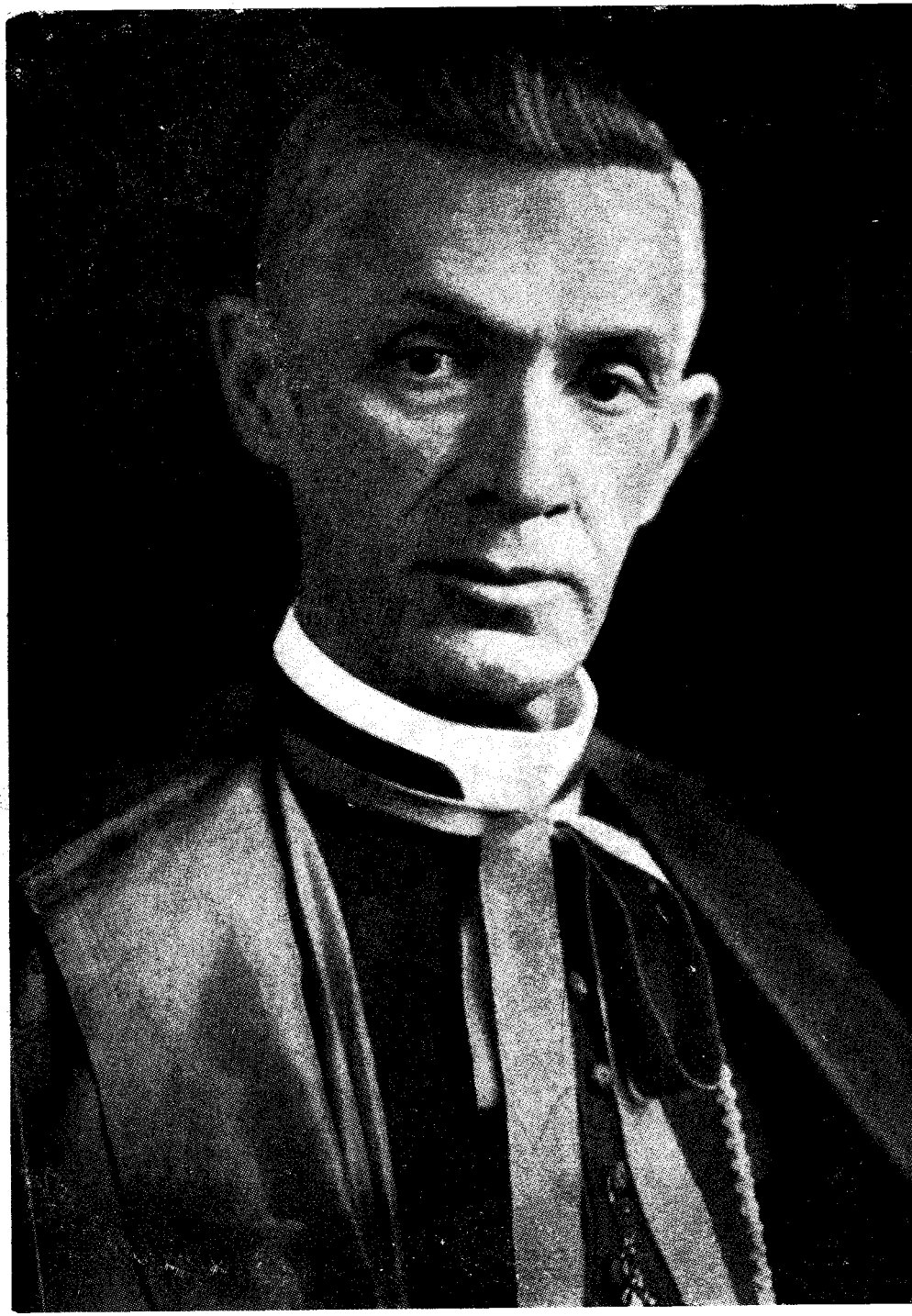
D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, Bispo de São Paulo, recebera-o de braços abertos.

No início do ano letivo de 1887, Duarte transpunha os umbrais do Seminário; fôra revestido do hábito clerical, a batina que êle haveria de honrar durante tôda a sua vida.

A família, naturalmente, alegrou-se em demasia, mesmo porque o Reitor lhe pouparia as despesas no Seminário.

O Seminário Provincial de São Paulo recebeu, pois, entre seus alunos de 1887, Duarte Leopoldo e Silva. A vida neste noviciado acolhedor e santo é por demais conhecida. A santidade e a ciência se unem para for-

3) — **PROCESSO DE ORDENAÇÃO — Cúria Metropolitana — D. DUARTE LEOPOLDO E SILVA.**
4) — **O. C., 19.**
5) — **ESBÔÇO, pg. 30.**



DOM DUARTE LEOPOLDO E SILVA

mação de ministro de Deus! Formação sólida e conscienciosa porque os interêsses das almas exigem mais cuidado que os interêsses do corpo.

Vai decorrendo a preparação clericial e a cooperação decidida do novo levita deu-lhe um cunho profundo de respeito e de veneração religiosa.

A quem está acostumado a desvendar no seminarista o futuro padre não era difícil conhecer no jovem aluno Duarte, o futuro grande e austero sacerdote. Temperamento emotivo, profundamento sensível a qualquer impressão! Sentimento, porém, delicado e nobre, porque um domínio sôbre os impulsos dos nervosos já se delineava sèriemente. Acentuava-se e com traços bem sensíveis aquela "nobreza pessoal", nota fundamental de sua vida de inconfundível personalidade elegantíssima.

O princípio de autoridade, regra divina de tôda ordem social, encontrou sempre no espírito do seminarista modêlo a maior e mais sincera acolhida. Não via nos superiores o homem, mas Deus, em cujo nome êles mandavam: *Omnis potestas a Deo.*

Jesus viera a êste mundo a afirmára êste princípio básico da paz e da harmonia. Êle é realmente o centro, o alicerce onde se firma tôda autoridade: *Ipse firmitas et auctoritas!*

Como todos os Seminaristas maiores, Duarte lecionou várias matérias escolares aos alunos menores do Colégio Diocesano anexo ao Seminário.

A 19 de maio de 1887, D. Lino lhe confiou a Primeira Tonsura; ficou clérigo. A seguir (21 de dezembro de 1890), recebeu as ordens menores — minorista...

A 14 de outubro de 1892, porém, requereu abertura do processo de "genere et de moribus". Foi escrivão o Pe. Adelino Jorge Montenegro.

Dispensado do patrimônio, para ser ordenado ad titulum "servitii ecclesiae", prestou juramento de servir perpétuamente a diocese de São Paulo, diante do Provisor, Cônego Antonio Augusto Muniz (3 de junho de 1892).

O atestado de pobreza fôra assinado pelo Pe. Antonio do Nascimento Castro, então Vigário de Taubaté: "os pais eram pobres e sobrecarregados com numerosa família".

O 10 de junho de 1892 o minorista Duarte recebeu o subdiaconato, dois dias depois o Diaconato.

Foi no dia 30 de outubro do mesmo ano (1892), que recebeu o presbiteriato na capéla do Seminário, certo da divina instituição do sacerdócio católico:

Antes de subir ao céu, Jesus instituiu o sacrifício da Nova Lei, debaixo das espécies de pão e vnho (figuradamente anunciára Melchisedech na Antiga Lei). Estabelecido o sacrifício, sagrou os sacerdotes que deviam oferecê-lo, foram seus apóstolos, também investidos do poder episcopal. Êste sacrifício deveria perpetuar-se pelos séculos em fora: "Eis que estou convosco tôdos os dias até a consumação dos séculos".

Jesus Cristo partiu desta terra mas ficou conosco. "Ficou de duas maneiras, diz o Pe. Huonder, pessoalmente, embóra invisível no Tabernáculo, impessoalmente, porém, visível nos seus representantes, os apóstolos e sacerdotes. Sim, no Sacerdócio Católico Nosso Senhor continua a viver e operar através dos séculos". Santo Tomás testifica: *Christus est totius sacerdoti origo.* (Suma 8,50, 4 c).

Padre Duarte recebeu, portanto, tôdas as ordens sacras conferidas por D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, a quem, em homenagem, celebrava missa anualmente após o seu falecimento.

Continuou no Seminário dando aulas e auxiliando a disciplina dos alunos que o respeitavam muito.

A 16 de outubro de 1893 foi assinada por D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Calvacanti, então Bispo-Coadjutor de São Paulo, a provisão ao Padre Duarte para servir de Coadjutor de Jaú, provisionamento lavrado pelo escrivão, Pe. Júlio Marcondes de Araújo. A posse foi a 22 de outubro, diante do Vigário da Paróquia, Pe. Antonio Guerreiro e do Vigário da Vara, Cônego Dr. João Nepomuceno de Souza, que apôs o visto no documento a 24 de outubro.

A Igreja não costuma dar logo de início aos padres novos o encargo pesado do paroquiato. Associa-o primeiro a um velho e experimentado pároco para que as lições possam ser aproveitadas em tempo oportuno. É o coadjutor um intrumento da Providência para o bem das almas e até do próprio pároco! O entusiasmo do padre novo, o ardor pela causa da Igreja, desperta na paróquia energias adormecidas e enche tudo de suave e confortante encanto. Principalmente quando o coadjutor tem a prudência devida de não movimentar a paróquia em sentido inverso, mas ao derredor do pároco amigo, o chefe responsável pela paróquia.

Tal foi a atividade e zêlo do Padre Duarte durante seus dois meses em Jaú, como coadjutor de Pe. Antonio Guerreiro. Nesse breve tempo conseguiu méritos para nomeação de pároco. Apesar de correto, zeloso, bom pregador e delicado para com todos, Padre Duarte esteve pouco tempo em Jaú; não se acomodou talvez com o Vigário; *ambos pregavam muito bem...* O Bispo o chamou à Capital; ficou à espera de outra nomeação.

3. SANTA CECÍLIA

Nesse tempo um bairro de São Paulo ia se aformoseando. Sua história resume-se assim:

Foi, todavia, em 1861 que uma comissão se reunia, composta por Henrique Pupo de Morais, Capitão Francisco de Paula Xavier de Toledo, Francisco Leandro de Toledo, seu filho José Leandro de Toledo, Joaquim José Ferreira, Dâmaso Nogueira de Sá, Bernardo de Figueiredo e outros. O fim era o levantamento de uma capela a São José e Santa Cecília, no bairro do Arouche, no lugar denominado "tanque do Teobaldo".

Angariaram donativos e pediram à Câmara Municipal uma data de terras para alí levantarem a capela, no referido ano de 1861. O presidente da província conselheiro Antonio José Henrique, todo funcionalismo público estadual e municipal compareceram à bênção da primeira pedra, feita pelo Vigário Geral monsenhor Joaquim Gonçalves Andrade, em presença do Cabido e funcionários da Cúria Diocesana. Falou o Cônego João de Santa Cândida que morreu vigário de Rio Claro.

A loteria de seis contos de réis, votada em 1874 para a capela só correu em 1880. O Dr. Joaquim Augusto de Camargo e Joaquim José Ferreira, residentes perto da capela fundaram a *Irmandade de São José e Santa Cecília*, com compromissos aprovados civil e eclesiásticamente.

A morte dos dois primeiros fundadores paralisou o andamento do sodalício e as obras da capela não foram encetadas.

A nova administração foi confiada aos Drs. Abranches, Cardoso de Melo Jr. e outros. Tal comissão fez com que o deputado provincial Dr. José Oscar de Araujo Cunha conseguisse da Assembléia uma loteria de doze contos de réis. Tendo recebido uma parte, nove contos e seiscentos mil réis, foi em 1884 aprovada a planta da capela feita pelo engenheiro Dr. Luís Pucci, encarregado da construção por dez contos de réis. O mestre de obras foi o Sr. José Pergola.

A capela ficou pronta, era bonita embora pequena, tinha altar-mor com dois nichos, a São José e a Santa Cecília. Foi benta pelo Vigário da Consolação, Cônego Eugênio Dias Leite, em 1865. Em 17 de julho de 1882, D. Lino permitiu a demolição da capela para ser construido novo templo.

Criada a paróquia de Santa Cecília a 21 de novembro de 1895, foi desmembrada da Consolação e de Santa Ifigênia; era preciso construir a igreja matriz a cargo principal do primeiro pároco. (6)

Está tão viva na memória dos paroquianos a vida e ação benéfica do Padre Duarte, dispensando comentários. Aquí ou alí o pároco sempre exerce influência em seu povo. É o pai espiritual da grande família paroquial. É o eixo covergente das atividades das associações. É a alma da paróquia. É Jesus Cristo vivo em seu representante. Dêle o Padre recebe a firmeza e autoridade em seu ministério apostólico.

Conta a tradição que desde os tempos estudantinos era Padre Duarte amante de boa música. Percebendo que seu instrumento de predileção não lhe faria boa companhia no ministério sacerdotal, retardando, certa feita, o atendimento a moribundo, quebrou violentamente a flauta mágica e jamais tomou parte em concêrto musical. (7) (D. Duarte contestava a veracidade de tal episódio.)

---

6) — MENSAGEIRO PAROQUIAL DE SANTA CECÍLIA, Ano II, n.º 3, 29, 30 e 31.

7) — A gazeta — 8 de Abril de 1967, pg. 9 — *A flauta partida*

Quem sabe se não fôra êsse sacrifício do persistente boato um ponto de partida para as nobres realizações na paróquia cuja padroeira é também protetora da música ? Sim, na melodia fulgurante de seu lema está desde o seu paroquiato delineado o programa de sua vida inteira: *Cristo.*

O Sr. Selém retratou em pinceladas essenciais, no Boletim paroquial da Consolação, as atividades do Padre Duarte em Santa Cecília, artigo reproduzido depois pelo Boletim Diocesano, duas vêzes:

"Pequena, acanhada e pobre existia uma capelinha de Santa Cecília. à qual os transeuntes, descobrindo-se, saudavam de longe.

Um dia D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, Bispo Coadjutor de São Paulo, chamou o Padre Duarte e lhe disse: "Eis aquí, meu Padre Duarte, um projeto de igreja que deve ser a matriz de uma paróquia que acabo de erigir no bairro de Santa Cecília e da qual V. Revma. é o Vigário fundador".

Fazer igreja matriz. Que missão àrdua demais ! Pouco tempo decorreu, todavia, estava fundada uma paróquia modêlo e construido um magnífico templo em estilo gótico, cuja pedra fundamental fôra lançada a 19 de março de 1897, depois inaugurada solenemente. Foi elogiada por Eduardo Prado juntamente com o seu nobre Vigário Pe. Duarte Leopoldo e Silva.

"É desnecessário encarecer o espírito vigoroso de quem pôde vencer tantas e tão altas barreiras, levantadas pela crise espantosa que então assoberbava o país.

Fôssem só as dificuldades pecuniárias! ...

Mais temíveis eram os obstáculos encontrados no pouca religião do povo, que longe dos centros piedosos vivia, em 1895, à míngua do pão espiritual. Sem exagêro algum, podemos dizer que naqueles tempos os Sacerdotes sentiam escrúpulos de celebrar o Santo Sacrifício da Missa na velha capelinha. Tanta era a falta de respeito com que assistiam muitos à mais augusta das solenidades cristãs!

Quam mutatus ab illo!

Ao deixar Santa Cecília, o Padre Duarte fixava em São Paulo um centro fervoroso de vida espiritual, que realizava o ideal de uma paróquia. Incansável o Padre Duarte !

Troféus de glória são são as pedras da Magestosa Igreja Matriz, que por sua tôrre esguia parecem esguichar os suores que lhe custou a edificação.

Troféus de glória sua são todos os corações do nobre povo de Santa Cecília, corações bem formados nos moldes da piedade cristã e que idolatravam o pastor zeloso que assim os educou.

Tinha razão o grande D. José de Camargo Barros em afirmar que Padre Duarte foi um vigário providencial. Sim, vigário providencial porque era também lutador que manejava tôdas as armas. A sua arma principal foi a piedade.

Homem de fé viva, de uma intuição admirável da vida sacerdotal, compreendeu desde logo que tudo lhe viria do céu.

Ouví dizer a um íntimo de Padre Duarte que o segrêdo de sua administração paroquial foi a devoção filial que êle nutria e promovia a Jesus sus Eucarístico. Tanto assim que êle estabeleceu como ponto de partida do seu paroquiato o culto do S. S. Sacramento, sem o qual êle não seria vigário e os fiéis não seriam seus paroquianos.

Abençoado segrêdo que sugeriu tantas e tão encantadoras solenidades, fonte de consolações e de graças!

A Missa do Santíssimo, a Laus perene, as vésperas cantadas das quintas-feiras, a Guarda de honra e de reparação, agregada à Prima Primária de Paris, a comunhão reparadora... Como tudo isso encanta, comove e extasia os nossos corações! E — ouro sôbre azul — em uma capela que mais parece a porta do céu!

Fazendo cortêjo ao culto da Eucaristia, o Padre Duarte instituiu as práticas tão poéticas e tão eficazes da devoção à Nossa Senhora, bem como o culto consolador e prodigioso de São José, que era quase um desconhecido em São Paulo.

Lançando as vistas para o Alto, o Padre Duarte não deixava todos os esforços humanos de que podia dispôr: o catecismo paroquial, a primeira comunhão dos meninos, os catequistas leigos, a coadjuvação poderosa de uma nobre senhora de todos conhecida em Santa Cecília, os prêmios e festas das crianças e outras tantas indústrias com que o zeloso pároco preparava a geração de moços, que hoje tanto nos edificam em Santa Cecília e que outróra foram alunos e alunas do catecismo paroquial.

Fundou também um curso superior de religião, o primeiro de que se tem notícia em São Paulo e que tantas bençãos tem derramado no seio das nossas famílias, graças à palavra mágica do ancião respeitável e sábio que foi o Vigário Geral do Arcebispado de São Paulo.

Outra prova de admirável intuição que o Padre Duarte tinha do apostolado sacerdotal é que se fazia rodear sempre de auxiliares poderosos: entre outros, o citado Mons. Francisco de Paula Rodrigues, o padre-ídolo da sociedade paulista, Mons. João Alves Guimarães, de cujos braços a Igreja Paulista recebeu tantas gerações de sacerdotes e que, com tanto carinho emprestou o brilho de suas cãs resplandecentes de virtudes à formação do clero; Pe. Maximiano Leite, moço na idade, velho na prudência, pobre no trato, rico na ciência.

Nunca descuidou o Padre Duarte a instrução geral dos fiéis. As suas práticas dominiciais, tão esmeradas, são disso um testemunho eloquente.

Não satisfeito da pregação paroquial, promovia pregações extraordinárias, entre as quais avulta a série de conferências do eminente cientista e orador sacro, Pe. Dr. João Gualberto do Amaral.

"São Paulo, o Apóstolo das Gentes, se vivesse hoje, seria jornalista", escreveu alguém. Quer dizer que uma das armas mais poderosas do apos-

tolado hodierno é a imprensa. Ninguem melhor que o Padre Duarte compreendeu essa necessidade.

Escritor primoroso fundou com sacrifícios mil o *Mensageiro Paroquial de Santa Cecília*, fôlha de ouro que percorria a lar de seus paroquianos, refletindo sempre os encantos da virtude e do bem.

Não havia festividade em que êle não distribuisse folhêtos de doutrina religiosa, que faziam mais profundas e estáveis as pregações do Evangelho.

Furtando ao corpo o descanso necessário, o Vigário de Santa Cecília quís também lutar com as armas da inteligência e do saber profundo.

E é êle o autor da "CONCORDÂNCIA DOS SANTOS EVANGELHOS", livro que no dizer de um sábio beneditino que foi lente da Universidade de Santo Anselmo em Roma e abade de S. Bento nesta Capital, não desdiria de qualquer estante dos escritores eclesiásticos da Europa.

Ao Eminentíssimo Cardeal Vives y Tuto disse o Santo Padre Pio X que tinha desejos de ler por sí mesmo essa obra de um pároco brasileiro, na qual brilha o fulgor de uma inteligência peregrina e arde o coração de um apóstolo em chamas de amor pela salvação de suas ovelhas.

Piedoso, trabalhador, enérgico escritor, jornalista, inteligênte cultor das ciências, o Padre Duarte foi também um propagandista católico, em tôda a acepção da palavra.

Como diretor da primeira peregrinação diocesana, que em 1900 foi depositar as homenagens do povo aos pés de Nossa Senhora Aparecida, como assistente eclesiástico da obra dos Congressos Católicos em São Paulo e um dos membros mais em evidência, o Padre Duarte fez jús à admiração de quantos trabalham pelo triunfo de Cristo.

Como monumento perene da sua têmpera de propagandista, a gloriosa célebre e destemida LEGIÃO DE SÃO PEDRO, cruzada patriótico-religiosa de que êle foi o Pedro Eremita e fundador.

Não foi pois sem precedentes que a Santa Sé cogitava em elevá-lo às honras do Episcopado. (8)

"Já em 20 de agôsto de 1899, o Bispo Diocesano D. Antonio de Alvarenga dera-lhe pôsto de destaque no seu cabido, nomeando-o Cônego da Sé Catedral de São Paulo. Ainda muitos se recordam das grandes manifestações de alegria dos seus paroquianos, por aquêle acontecimento. Foram registradas nos anais da paróquia com tôda a sigeleza, mas também com tôda a verdade. Naquela alegria, porém, os fiéis de Santa Cecília manifestavam o pressentimento de que o sol que tão alto se elevára no firmamento da Igreja teria, bem depressa, a sua rota desviada ..." (9)

Cônego Duarte tomou parte ativa no Congresso do Apostolado da Oração, em São Paulo, 12 de novembro de 1901 a 15 do mesmo mês.

---

8) — BOLETIM ECLESIASTICO — volume V — pg. 22 e seguintes.
9) — ESBÔÇO BIOGRAFICO DE D. DUARTE, pg. 76.

Fazia parte da comissão permanente, com o Dr. Brasílio Machado e Comendador Tiburtino Mondim.

Mantinha interessante e assídua correspondência com a família real no exílio; era, portanto, *monarquista.*

Funcionou o referido esplêndido "Mensageiro paroquial" de 1900 a 1903, depois surgiram mais dois números (8 de maio de 1904 e 15 de julho). Afinal parou, após a retirada de D. Duarte. Nessa época foi eleito sócio dêste Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (19 de março de 1904).

Dizem que Cônego Duarte era ótimo atirador, entretanto, sómente usava o seu revolver às vêzes para derrubar as mangas muito altas dos quintais de seus amigos respeitáveis.

OS DOIS BISPADOS

1. O BISPADO DE CURITIBA

Cônego Duarte escreveu bela carta de despedida de seus paroquianos de Santa Cecília. Depois de agradecer a todos, fala de sua igreja:

"Não me seria possível levantar a pena desta carta já tão regada pelas minhas lágrimas, sem falar-vos da nossa querida Matriz ainda em construção.

Todo sabem com quanto cuidado e solicitude me devotei a essa grandiosa emprêsa que, já hoje, é uma consoladora realidade. Não existe aí um único tijolo que me seja desconhecido. No interior dessas largas muralhas, desde os primeiros alicerces até o alto da elevada cúspide, não se encontrará um punhado de argamassa que não tivesse cuidadosamente examinado. Como as palmas das minhas mãos, conheço tôdas as linhas, tôdas as curvas, todos os pequeninos segrêdos dessa mimosa edificação.

Todavia, se algum trabalho me custou a ereção dêsse belo templo, gloria e orgulho da capital de São Paulo, foi todo êle de ordem puramente material. Acolhido sempre com a máxima gentileza por todos os paroquianos e benfeitores de Santa Cecília, jamais se me deparou alguma má vontade, nenhuma porta se me fechou ainda, ninguém deixou de atender-me pressuroso quando lhe supliquei alguma esmola. Pobres e ricos, paroquianos ou não, todos me vasaram nas mãos os recursos que lhes permitiram as circunstâncias.

Nos livros da paróquia se encontrarão escrupulosamente registrados todos os donativos de todos os nossos benfeitores. Se é possível que, na agitação de um laborioso ministério, um ou outro nome me tenha escapado. diante de Deus e de minha consciência declaro que nenhuma parcela, ainda a mais insignificante, deixou jamais de ser religiosamente aplicada no fim a que se destinava.

Já se me ofereceu oportunidade de apresentar à digníssima Autoridade Diocesana um relatório minucioso e documentado de tôda a minha larga

administração, e a sua sentença ficará registrada no Livro do Tombo da paróquia para desencargo da minha consciência.

Deixando, pois, a Nosso Senhor o cuidado de classificar os merecimentos de cada um, não sei como vos possa agradecer a confiança ilimitada que me dispensastes. Administrador único de uma fortuna considerável porque de caráter sagrado, sem outro fiscal que não a minha consciência de sacerdote, jamais murmuraste da minha administração, nunca vos esqueceste de que velava sôbre mim o olhar atento da Autoridade Diocesana.

Deus vos pague todos os vossos favores e sacrifícios, pois não me acodem expressões tão exatas que cheguem a exteriorizar os meus sentimentos. Há nove anos ininterruptos que, tôdas as semanas, tôdas as quartas-feiras, no Santo Sacrifício da Missa, eu tinha nos lábios e no coração o nome dos nossos benfeitores. Ouviu-os da minha bôca, um por um, sem esquecer a ninguém absolutamente, o glorioso Patriarca São José, a quem agora confio de novo a missão de interceder por vós e de encaminhar-vos à eterna recompensa do céu" (10).

D. Alberto José Gonçalves resumiu os trabalhos de D. Duarte no Paraná:

"Vagára a séde episcopal de Curitiba pela transferência de D. José de Camargo Barros para a de São Paulo. Para ocupá-la foi nomeado D. Duarte Leopoldo e Silva, e que havia sido escolhido e indicado para coadjutor de C. Cláudio, Bispo da Diocese do Rio Grande do Sul.

D. Duarte dirigiu-se a Roma, tendo sido sagrado pelo Secretário de Estado Cardeal Merry del Val, no dia 22 de maio de 1904. O Papa Pio X lhe ofereceu o anel, o solidéu e um breviário. (11).

Chegou à sua diocese a 30 de setembro, tomando posse a 2 de outubro do mesmo ano. Convencido de que para bem dirigir o rebanho confiado aos seus cuidados faz-se mister conhecê-lo, bem com as suas necessidades, empreendeu desde logo a visita pastoral.

Era motivo de geral admiração como tendo compleição tão franzina na aparência, podia afrontar os rigores das estações e as dificuldades dos caminhos que levam às mais remotas poróquias da Diocese. composta dos estados do Paraná e Santa Catarina. D. Duarte não conhecia descanso; multiplicava-se para atender às necessidades dos seus diocesanos.

Para demonstrá-lo basta tornar pública a rápida exposição dos seus trabalhos. Em pouco mais de dois anos de administração, visitou 131 localidades, percorrendo 4.900 quilômetros, crismou 51.594 pessoas e fez regular 762 casamentos.

Além de sua preciosa pastoral de saudação aos diocesanos, publicou uma outra de alta relevância sôbre o casamento; deixou quase constituidos os patrimônios da Dioecse, do Seminário e da novel Diocese de Santa Catarina; estabeleceu misssões regulares nas paróquias, pregadas por missioná-

10) — CARTA DE DESPEDIDA, pgs. 19 a 22.
11) — VOZ DO PARANÁ — n.º 520, 2/4/67, página 1.

rios diocesanos e outros empreendimentos que êle mesmo dirá seu relatório. (12).

Santa Catarina fazia parte da diocese de Curitiba. Área total do Bispado 295.655 quilômetros quadrados, com mais de 700 mil habitantes nos dois Estados.

D. Duarte tomou assento na segunda reunião do episcopado do sul do Brasil, em Aparecida. Êste, de acôrdo com a resolução de primeira reunião em São Paulo, deveria reunir-se, pela segunda vez, na cidade de Mariana, em agôsto de 1904. Realizando-se, porém, em 8 de setembro daquele mesmo ano, a coroação solene da milagrosa imagem de *Nossa Senhora da Aparecida*, preferiu-se posteriormente a cidade onde se ergue o célebre santuário mariano para séde da segunda reunião, não só para maior solenidade daquela cerimônia religiosa, senão também, para melhor comemoração do cinquentenário da definição do dogma da Imaculada Conceição.

Além do Arcebispo D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Calvacanti, estiveram presentes: D. José de Camargo Barros, bispo de São Paulo, D. Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão, bispo de Porto Alegre, D. João Francisco Braga, bispo de Petrópolis, D. João B. Correia Neri, bispo de Pouso Alegre, D. Silvério Gomes Pimenta, bispo de Mariana, D. Duarte Leopoldo e Silva, bispo de Curitiba, D. Fernando de Souza Monteiro, bispo de Vitória e D. Joaquim Silvério de Souza, bispo coadjutor de Diamantina.

Nessa reunião foram ampliadas as Resoluções e Estatutos de 1901, estabelecido o Convênio do Episcopado do Sul concedendo mùtuamente a cada um dos seus signatários faculdades varias e publicada a segunda Pastoral Coletiva dos Prelados da Província Eclesiástica do Rio de Janeiro em um mais aperfeiçoado esquema das Constituições.

Voltando-nos, porém, para D. Duarte vemos que "muitos outros trabalhos êle tinha em vista executar, quando aprouve à Providência chamar à sua presença o saudoso Bispo de S. Paulo, D. José de Camargo Barros. e mais uma vez S. Ex.ª foi designado para ser seu sucessor agora no ilustre sódio da Igreja Paulistana.

Profundo foi o sentimento de pesar que experimentou o povo católico da diocese de Curitiba com a retirada de D. Duarte, pois durante o curto espaço de tempo em que permaneceu à frente dos seus destinos, soube êle cativar os corações de todos que dêle se aproximaram.

Quando correu o consta de sua transferência, o ilustre Presidente do Estado, Dr. Vicente Machado, disse a vários amigos que o cercavam: se isto se realizar,, é o caso de fazermos um cisma com a Santa Sé; tal o grau de estima e consideração que lhe consagrava. E nisto S. Ex.ª representava a opinião geral dos diocesanos que sabiam corresponder aos cuidados e à solicitude que para com êles tinha o seu Pastor.

Mas Roma falára e cumpria obedecer. Terminadas as festas da Páscoa de 1907, partiu D. Duarte deixando expressos em uma mimosa Pas-

12) — BOLETIM ECLESIASTICO, V, pg. 25 e 26.

toral de despedida os sentimentos do seu coração para com aquêles que foram seus primeiros filhos". (13).

Assim se expressou D. Duarte em certo tópico transcrito no Resumo Histórico, da Religião no Paraná à pg. 6:

"Rápida foi a Nossa passagem no meio de vós, pouco mais ou menos de dois anos. Mas dêsse tempo tão curto para o muito que vos queremos, tão longo para as responsabilidades do Nosso encargo pastoral, já nas diversas localidades de um a outro Estado que constituem a Diocese, tantas e tão sinceras foram as demonstrações de afeto dispensadas a Nosso pessoa, que não Nos podemos forrar a um sentimento de profunda e sincera gratidão...

A Diocese, graças a Deus, não ficou estacionária no curto período da Nossa administração. Apesar de alguns pequenos obstáculos e oscilações, é evidente o despertar do espírito cristão. Temos tido algum progresso de obras e fôrças cristãs, progresso insuficiente, incompleto ainda, mas real e profundo, sintoma claríssimo de uma vitalidade poderosa e cheia de futuro...

Na estrada percorrida encontrará Nosso sucessor os patrimônios já quase constituidos, do Paraná, da futura Diocese de Santa Catarina, e do Seminário Episcopal; o serviço paroquial reorganizado sob a base das visitas ou missões paroquiais; a reconstituição das Fábricas e do Óbulo Diocesano; dois grandes e acreditados colégios sendo um dêles equiparado ao Ginásio Nacional; dez novas escolas congreganistas com grande e animadora frequência; o Seminário Episcopal, pagas tôdas as suas dívidas, com obras novas e maior número de alunos; a ordenação de dezesseis sacerdotes entre seculares e regulares; três novos hospitais sob a direção de Irmãs; cinco novas congregações estabelecidas na Diocese; as congregações já existentes acrescidas de novos membros; sessenta e quatro jovens donzelas consagradas a Nosso Senhor Jesus Cristo; onze igrejas paroquiais confiadas a congregações religiosas, com muita vantagem para o serviço espiritual até então precário; diversas associações católicas últimamente estabelecidas; uma nova turma de Missionários Diocesanos; cento e trinta e uma localidades visitadas pessoalmente pelo Bispo Diocesano, rodeado do máximo respeito e consideração; a visita oficial do Apostolado por um delegado diocesano; a animadora frequência dos santos sacramentos e consequentemente desenvolvimento do espírito de fé..."

Belo relatório de apenas trinta meses de govêrno episcopal em Curitiba.

2. O BISPO DE SÃO PAULO

"Eleito bispo de São Paulo a 18 de dezembro de 1906, D. Duarte Leopoldo marcára para tomar posse da sua nova diocese o dia 14 de abril

13) — **BOLETIM ECLESIÁSTICO, V, pg. 25 e seguintes.**
transcrito no ***Resumo Histórico da Religião no Paraná,*** **à pg. 6:**

de 1907,. A nova dessa eleição foi como uma onda de alegria que se derramasse por todos os corações do clero e povo paulistas. Nascido nesta diocese, aqui se ordenára sacerdote e exercera o seu glorioso paroquiato até o dia em que o Vigário de Cristo o escolheu para ocupar o sólio episcopal de Curitiba. Razão de sobra tinha o bispado de São Paulo para se rejubilar quando se propagou a notícia da confirmação da eleição de D. Duarte, cujo nome era já tão querido e venerado por todos.

Os preparativos para a recepção eram grandiosos. Todos queriam concorrer para realçar o esplendor dêsse dia tão esperado em que ao luto pesado sucederiam as mais pomposas galas que jamais ornaram a igreja paulopolitana: o dia da chegada e recepção em Santos.

O digno vigário desta paróquia já tinha disposto tudo em ordem para festejar a chegada do bispo. No dia 10 pela manhã partira de São Paulo um trem especial, levando Mons. Vigário Capitular D. Francisco de Paula Rodrigues, os Cônegos Capitulares, representantes do Seminário, Colégio Diocesano, clero secular e regular, associações e imprensa.

Às 6 horas fundeou o *Júpiter*, vapor nacional em que vinha D. Duarte Leopoldo, acompanhado do Pe. Dr. Jersino de Oliveira e o seminarista Péricles Barbosa, secretário particular.

Imensa, compacta multidão aclamou o Bispo ao sa'tar em terra paulista, que ao som de hinos festivos da bandas musicais, deu em seguida a beijar o sacro anel.

Grandioso préstito formou-se para a igreja matriz, onde em rico genuflexório S. Ex.ª assistiu à santa Missa. Mons. Vítor da Soledade, vigário de Santos, subindo ao púlpito, saudou o bispo com palavras cheias de amor e veneração.

Seguiu lauto almôço que oferecera o Coronel Pinto Novais. Durante o banquete, no qual tomaram parte muitos convidados, trocaram-se vários brindes tão cordiais, como eloqüentes.

Às duas horas da tarde, o trem especial partia de Santos para a Capital. Em São Paulo a chegada foi mais que uma recepção solene, mais do que uma manifestação grandiosa — foi um verdadeiro triunfo. A estação da Inglêsa estava repléta de povo, notando-se representantes de tôdas as classes sociais: Cabido, Clero, Seminário, Colégios, Institutos de tôda espécie, Associações, Irmandades, tôda a imprensa da Capital e povo, muito povo, como quase nunca se tem visto.

Várias bandas de música tocaram o hino nacional quando D. Duarte desembarcou, recebido por estrepitosos aplausos e vivas entusiásticos.

O Governador do Estado, Dr. Jorge Tiribiçá, fêz-se representar pelo seu ajudante de ordens.

Da estação ao Seminário ondeava uma turba multa impedindo assim o trajeto. Quase que carregado nos braços foi que D. Duarte pôde vencer a onda popular que se aglomerava em delírio para beijar as mãos do novo Pastor da grei paulopolitana.

No Seminário, cuja capela estava profusamente iluminada, o Sr. Bispo foi recebido pelo Reitor, corpo docente e seminaristas, ao som de um belíssimo *Ecce Sarcedos* cantado em música polifônica. Depois de breve oração, D. Duarte, acompanhado do Arcebispo de Ptolomaide, D. José Marcondes Homem de Melo, de Monsenhor Vigário Capitular Arcediago Dr. Francisco de Paula Rodrigues e de Monsenhor Manuel Vicente da Silva, tomou assento na esplêndida carruagem adrede preparada pela Casa Rodovalho.

Ressoaram novamente os delirantes aplausos da multidão que se não cansava de aclamar o novo Bispo diocesano.

Extenso, majestoso o préstito de carruagens e muitos bondes levando representantes das associações católicas acompanhou S. Ex.ª pelas ruas da cidade até o Palácio Provsório, sito à rua Barão de Pirapitinguí.

Na Residência Episcopal muitas eram as pessoas que aguardavam a S. Ex.ª. O palacete estava coberto de lâmpadas elétricas coloridas formando uma iluminação deslumbrante que borrifava jorros de luz sôbre a massa ingente de povo que regorgitava na rua B. de Pirapitinguí e adjacentes.

Eram oito horas da noite quando D. Duarte compareceu na sacada externa do palácio, sendo calorosamente aplaudido pelo povo.

Tomou então a palavra Mons. Vigário Capitular, Arcediago Paula Rodrigues, que na sua linguagem mágica saudou a D. Duarte Leopoldo em nome da diocese.

Respondeu o Sr. Bispo agradecendo a manifestação que lhe faziam nesse momento seus conterrâneos, hoje seus filhos. As palavras eloquentes do Bispo foram recebidas com clamoroso entusiasmo.

D. Duarte abençoou então o povo, descendo em seguida à sala de recepções, onde deu o anel a beijar a todos os presentes, recebendo ao mesmo tempo as saudações de tôdas as paróquias da capital. Só muito tarde cessaram as aclamações entusiásticas do povo paulista.

Foi o dia da recepção de D. Duarte Leopoldo um dia de triunfo dêle próprio, por ter despertado tanto entusiasmo, e de glória para o povo paulista, que tão nobremente sabe homenagear a quem lhe merece o respeito e a estima.

D. Duarte, que já tinha em sessão capitular apresentando as bulas que o confirmavam Bispo de São Paulo, fêz a sua entrada solene na Venerada Igreja Catedral, no dia 14 de abril. Tarde formosa. O trajeto que êle devia percorrer em procissão já havia longas horas que estava ocupado pelo povo.

Notava-se no semblante de tôda a gente as alegrias de uma festa sincera e grandiosa.

A procissão saiu da igreja de São Gonçalo, que estava coberta de galas e flôres. Era belo ver-se êsse longo desfilar de associações e irmandades trajando distintivos os mais variados...

Passaram depois os membros do clero secular e regular, os seminaristas, os cônegos e finalmente, entre as franjas douradas do pálio, vinha a passos lentos D. Duarte Leopoldo e Silva, com as mãos traçando bênçãos, que as multidões recebiam piedosas.

Quando o cortêjo sagrado apareceu no Largo da Sé, os sinos repicaram festivos, ao mesmo tempo que a banda musical Cristóvam Colombo tocava sonoras marchas.

A velha Catedral que já estava literalmente cheia de fiéis, não era suficiente para todo o pessoal que acompanhava o Sr. Bispo. Só conseguiram entrar os membros do clero e algumas poucas associações.

D. Duarte pela vez primeira subiu ao sólio episcopal de São Paulo.

A voz eloqüente de Mons. Dr. Francisco de Paula Rodrigues fêz-se ouvir com notas vibrantes de entusiasmo, de um entusiasmo caloroso ao saudar em nome do clero e do povo o novo Antístite, para o qual implorava de Deus um episcopado feliz e glorioso *ad multos annos. Ad multos anno.*

Seguiu-se o cântico majestoso do *Te Deum*, findo o qual foi dada a benção com S.S. Sacramento.

Despidas as sagradas vestes, o Bispo admitiu ao ósculo do sacro anel o clero e os fiéis presentes.

No santinho destribuido na ocasião da posse, estava escritos; *Laus Deo, proximo salus, mihi labor.*

Nos dias subsequentes, em tôdas as igrejas e matrizes da capital realizaram-se pomposas solenidades, em que os fiéis rendiam ações de graças a Deus pelo feliz enlace da nossa diocese com D. Duarte Leopoldo.

No Seminário Episcopal, com a assistência de todo o corpo docente e de todos os alunos, foi expostos o S. S. aScramento durante um dia, cantando-se à noite o *Te Deum.*

Nas paróquias de Santa Cecília e Consolação, êste ato foi honrado com a presença de D. Duarte, pregando na primeira Mons. Arcediago e na segunda Mons. Benedito de Souza.

Foram inúmeras as manifestações. Durante um mês inteiro, por assim dizer, recebeu quotidiamente as diversas paróquias da capital que representadas pelas suas associações iam levar-lhe os portestos de amor filial.

Merece especial menção a primeira dessas manifestações que foi a dos Seminaristas. No dia seguinte ao da chegada do Bispo, foram incorporados ao Palácio episcopal, acompanhados do Reitor e professôres. Em nome de seus colegas um Seminarista apresentou ao Bispo as homenagens tão simples e tão sinceras daqueles que seriam seus filhos mais obedientes e afetuosos. Singelo e cordial como devia ser, o parabem dos seminaristas não podia deixar de chegar ao coração do Bispo que, após breves palavras de agradecimento e de amor paterno derramou sôbre êles a bênção epicopal, penhor de um entranhado carinho de pai amoroso.

A nobre diocese de Curitiba, curtindo amargas saudades de seu querido Bispo, não quís deixar de tomar parte em todos os atos da recepção

de D. Duarte em São Paulo,testemunhando por tal forma quanto ela sentira a separação.

Foi representante da diocese de Curitiba o Pe. Dr. Gersino de Oliveira, secretário daquele Bispado.

Se quiséssemo registrar aquí tôdas as manifestações de que foi alvo o Bispo, teríamos que encher centenas de páginas.

A capital tinha naquela época 340.000 habitantes.

As primeiras nomeações foram: Vigário geral, Mons. Arcediago Dr. Francisco de Paula Rodrigues, que foi o 1.º Governador do Bispado dumória, foi também o Vigário Capitular, *séde vacante*. Para secretário do rante a ausência de D. José de Camargo Barroos, de santa e saudosa mebispado foi nomeado o Mons. Dr. Benedito Paulo Alves de Souza, cônego da Catedral e até então o vigário de Santa Cecília. (14)

Usamons e ainda vamos usar vários trechos de Júlio Rodrigues em "ESBÔÇO BIOGRAFICO DE D. DUARTE LEOPOLDO E SILVA", 1929, porém, com melhor ordem cronológica e algumas correções.

Aumentaremos mais outras notícias do Boletim e de outros documentos citados abaixo do trecho correspondente.

3. ESTADO DA DIOCESE DE S. PAULO

Recebeu D. Duarte o govêrno do Bispado em um momento crítico. Emprêsas arrojadas, planos gigatescos, obras audaciosas... tudo ficaria suspenso à espera do novo Chefe quando lá, nas costas da Espanha desaparecia nas águas o magnânimo D. José de Camargo Barros.

E D. Duarte, estendendo, firme e resoluto, a mão, recebeu a herança formidável do Bispo que morrera. Ao contacto dessas mãos robustas, firmaram-se as emprêsas, consolidaram-se os planos, alargaram-se os horizontes.

Para imortalizar na história o seu nome, bastaria de certo a conservação dêsse legado imenso de obras esplêndidas do seu antecessor. Conservasse o retiro espiritual do Clero, e teria garantido o zêlo dos seus coadjutores na salvação das almas. Protegesse o Seminário, reorganizado em moldes que o fizeram alvo da admiração de todos, e teria assegurado o apostolado do porvir.

Afervorasse na Religião os fiéis por meio de pregações tendentes a instruir o povo cristão e teria posto em salvo a fé dos católicos da atualidade. Promovesse a instrução religiosa da infância com a obra dos Catecismos, e poderia ficar tranquilo, ao pensar nas gerações de amanhã.

D. Duarte Leopoldo e Silva foi continuador indefeso das obras de D. José de Camargo Barros.

Fôra isso bastante para celebrizar um Bispo; mas D. Duarte, além disso, impulsionou tôdas elas e criou outras muitas novas e importantes realizações próprias.

14) — BOLETIM ECLESIASTICO, III, pg. 14 a 17.

A reorganização do Seminário, a mais bela das obras de D. José, acentuou cada vez mais sob a direção suprema do novo chefe da diocese paulopolitana.

Três novos cursos foram criados: um de Arquitetura Sagrada, outro de Literatura Superior, e um terceiro de Medicina Pastoral, tendo à sua frente talentos robustos de abalizados mestres, como Pe. João Gualberto, refutador de Enrico Ferri, sob direção do Pe. Maximiano Leite, reitor excelente.

Foi em seu govêrno que o desenvolvimento do Seminário chegou a tal ponto, que mereceu ser elevado à categoria de Seminário Provincial, ao mesmo tempo que em Roma o Sumo Pontífice criava em seu curso de filosofia uma *Faculdade Pontifícia*. Honra insígne que veio elevar perante o mundo os foros da nossa cultura eclesiástica, até agora injustamente quase que desconhecida, Faculdade Eclesiástica de São Paulo, que foi a primeira de tôda a América Meridonal; (15) pena que logo desapareceu por falta de mais professôres universitários.

Neste ínterim, *viagem a Mariana*:— No dia 3 de julho de 1907, D. Duarte, acompanhado de Mons. Dr. Benedito Alves de Souza e de seu secretário particular subdiácono Péricles Barbosa, partiu de São Paulo com destino à cidade de Mariana.

Ao embarque, na estação do Norte, compareceram o Vigário Geral do Bispado, diversos representantes do Cabido, Reitor do Seminário, Vigário da Capital, membros do clero e representantes dos institutos e associações católicas. O Presidente do Estado fez-se representar pelo seu Ajudante de Ordens

Ao mesmo tempo, em dois carros salões dormitório partiram do Rio, no dia 31 de julho, o Cardeal e Bispos de Pouso Alegre, Rio Grande, Petrópolis, Diamantina, Goiás, Espírito Santo, cada um acompanhado do seu secretário respectivo.

Na Barra do Piraí encontraram-se com o Bispo de São Paulo que aí os esperava. Em Ouro Preto foram recebidos por grande massa de povo, que delirantemente aclamava o Cardeal e o Episcopado Brasileiro. Todos os Bispos dirigiram-se para a igreja matriz e ficaram na cidade até as três horas, quando partiram para Mariana. Durante a estada dos Bispos em Ouro Preto observou-se o anunciado no seguinte boletim: "Comunicamos ao povo que o Em.º Cardeal Arcebispo do Rio e os Bispos da Província Meridional do Brasil chegam a esta cidade, amanhã pelo trem das 11 horas".

Estando em Mariana todos os Bispos, tiveram comêço as conferências episcopais em que pela terceira vez se reuniram os exímios prelados do Sul, em obediência ao Concílio Plenário da América Latina. Realizaram-se reuniões quotidianas desde o dia 2 até o dia 10 de agôsto de 1907.

Muito devíamos confiar no resultado dessas conferências, porque se Nosso Senhor Jesus Cristo prometeu (São Math. 18-20) que onde estivessem dois ou três reunidos em seu nome, êle aí estaria no meio assistin-

15) — ESBÔÇO BIOGRAFICO DE D. DUARTE, pg. 102 e seguintes.

do e abençoando, conquanto mais razão não devemos crer que o Divino Mestre estivesse com o melhor de suas luzes no meio dos nossos sábios prelados, reunidos no empenho da salvação das almas e govêrno da Igreja do mesmo Senhor. (São Gregório Magno, Epist. libro 9, epist. 106: Mig 77, 10-32).

Ansiosos pois todos esperavam as resoluções dos nossos virtuosos superiores, prontos sempre para beijar as mãos dos que as traçaram.

Nas conferências Episcopais realizadas em Mariana, os Bispos resolveram pedir ao Santo Padre Pio X que elevasse o *Santuário de Nossa Senhora Aparecida* à altíssima dignidade *de Basílica*, com todos os privilégios e honras anexas ao título. De fato, a 29 de abril de 1908,elevada a igreja de Nossa Senhora da Aparecida à categoria de Basílica, foi oportunamente consagrada com tôda a solenidade do Cerimonial dos Bispos. Continuou, porém, pertencendo a São Paulo, embora encravada em território de Taubaté. Êste foi o pomo de discórida entre D. Duarte e D. Epaminondas, por longo prazo. D. Duarte tinha documento da Santa Sé a seu favor.

Basílica faz, ipso facto, com que o templo elevado a tão alta dignidade seja considerado em todo o mundo como célebre e insigne.

Basílicas maiores só havia cinco no mundo e que eram as igrejas: de São João do Latrão, matriz de tôdas as igrejas do orbe; de São Pedro, no Vaticano; de São Paulo, extra-muros; de Santa Cruz de Jerusalém e de Santa Maria Maior, tôdas em Roma.

O título de basílicas menores só é concedido aos templos mais insignes do catolicismo. Nosso Senhora de Lujan, na Argentina e também a de Aparecida são as duas primeiras da América do Sul. (16)

4. OBRAS NOVAS

"Descortinando horizontes novos, atirou-se D. Duarte a outras obras tão importantes como aproveitáveis.

Assim é que reformou a Câmara Eclesiástica, fazendo nela observar as prescrições do Direito e destruindo abusos inveterados, que dificultavam dantes qualquer negócio que dessa repartição pendesse. O arquivo modelar, reorganizado posteiormente, a cargo do Sr. Francisco de Sales Collet e Silva, técnico no assunto difícil.

Ao Cabido deu novo alento, organizando as suas Constituições, conseguindo-lhes insígnias e privilégios.

E o Cabido de São Paulo, remodelado, poderá servir de estímulo a que muitos outros do Brasil não definhem pouco a pouco. A existência do Cabido é regular, portanto da Santa Sé alcançou D. Duarte faculdades para estabelecer o serviço coral à medida das circunstância atuais. E constam hoje claramente quais sejam as obrigações dos Capitulares. O nosso Ca-

16) — BOLETIM ECLESIASTICO, III, pgs. 34 e seguintes.

bido pois, deve a D. Duarte uma vida regular e legítima, embora hoje resumida tão somente ao essencialíssimo.

Urgia também a edificação de uma nova Catedral, grandiosa e digna do progresso material e religioso de São Paulo.

D. Duarte já não pequeno recurso obteve para isso,, em virtude de negociações atuadas com o govêrno. Traçou o plano geral do majestoso templo, monumento de arte gótica.

Outra reforma importante que fez foi dotar a Arquidiocese de um novo Palácio Arquiepiscopal. A velha residência da Rua do Carmo, atual escritorio da Companhia de Gás, já não condizia com os fóros de civilização da nossa Capital e, muito menos, com a dignidade do Chefe da Arquidiocese. E sobretudo o mais anti-higiênico e insalubre, sem luz, nem ar, era o palácio antigo um seminário de moléstia. Ora, entretanto, São Paulo tinha no "Palácio São Luís" um edifício que não desdizia da nossa Capital e uma residência decorosa para os nossos arcebispos, à Rua São Luís n.º 2. Custou duzentos contos de réis!

O porteiro com uniforme branco, botões de metal doirado, recebia das pessoas que se representassem o cartão de visita e o levava a D. Duarte em um pratinho de prata. Se D. Duarte iria recebê-las, abria os portões, se não marcava o dia da audiência.

Os clérigos deviam apresentar-se sempre com batina revestida de capa magma ou capa romana, e sapatos com fivelas de prata. Os padres e clerigos usavam também faixa preta, os cônegos e monsenhores roxa.

Objeto de uma reforma especial foram também as fábricas paroquiais que, não poucas vezes descuidadas, prejudicavam de muito os bens eclesiásticos. Fêz Regulamento de Fábricas minucioso e sério.

Sôbre a música sacra que a Igreja Católica teve sempre na mais alta conta, o Arcebispo tomou providências tão salutares como necessárias. Seguindo o motu próprio de Sua Santidade o Papa Pio X e o exemplo de Sua Emcia. o Cadeal Arcoverde, D. Duarte restaurou em São Paulo a música polifônica na Catedral, com o magnífico coral do insigne maestro *Fúrio Franceschini*.

Uma comissão encarregada de velar pela execução das leis pontifícias sôbre a música religiosa, foi estabelecida. Os membros da comissão, que possuiam cultura artística, deram os primeiros passos tendentes ao reflorescimento do canto litúrgico em nossos templos com ótimos resultados.

Mais ainda.

Em um belo documento, pôs em execução as leis canônicas da residência paroquial, regulamentando assim um dos pontos até agora mais indecisos na prática da nossa vida eclesiástica, bem que expresso, claramento no Direito Canônico antigo e moderno. Dotado das mais finas qualidades de admnistrador, muito devem a D. Duarte todos os negócios temporais do Arcebispado Metropolitano de São Paulo.

Uma nota, porém, nobilita e enaltece-lhe a administração terrena. É que nunca perdeu de vista o ideal das almas. A salvação do povo: eis a mira que alvejaram todos os atos do seu episcopado, aliás tão fecundo em progressos materiais.

Tudo quanto fez ou ordenou D. Duarte, visava o cumprimento de sua missão pastoral: — reger a grei de Deus. Tanto assim que não obstante a evidente diminuição de recursos materiais que lhe adviriam com as novas cinco Dioceses, não obstante a crise formidável que assoberbava o país, D. Duarte, esmagando sob o ideal da salvação das almas, os interêsses materiais, atirou-se com denodo e abnegação admiráveis à realização dessa obra de Deus, a *divisão de sua diocese*.

Poucas semanas após haver assumido o govêrno diocesano, cansado da lufa-lufa dos primeiros dias, dirigiu-se D. Duarte às cidades indigitadas para sédes dos novos bispados, de acôrdo com o Nuncio D. Alexander Bavona, que passou por S. Paulo quando se dirigia a Itú para as célebres festas de São Luís Gonzaga, padroeiro do afamado Colégio dos Jesuítas.

Em cada cidade visitada D. Duarte desenvolveu máxima atividade em conseguir a formação de patrimônios exigidos para a criação das dioceses. Em estreito lapso de tempo estavam já traçados os mapas dos novos bispados e os papél, aliás complicadíssimos, tinham sido remetidos à Santa Sé.

Já então ressentira-se-lhe o organismo, fatigado de tantas preocupações, abalado por trabalhos, extenuado por longas vigílias passadas no gabinete de estudo.

Era preciso descansar.

Por outro lado, perante o Sumo Pontífice lá em Roma, dificuldades insuperáveis se lhe antolhavam a impedir a realização da mesma emprêsa.

Era preciso ir pessoalmente à Cidade Eterna. Entre os interêsses da própria saúde e os da sua diocese, D. Duarte não hesitou. Abatido como estava, lançou-se aos incômodos de uma viagem penosa, em cujo têrmo, além dos mares, não lhe sorriam as encantos de uma "tournée" de primavera, mas reais e ingentes projetavam-se trabalhos inúmeros da burocracia curial de Roma.

Vencendo as distâncias, D. Duarte atravessou o oceano...

"Como consta pelo ato episcopal que vem publicado na competente seção, o Bispo Diocesano diexou encarregado da Diocese: em primeiro lugar, Mons. Arcediago Dr. Paula Radrigues, seu Vigário Geral; em segundo lugar, Mons. Dr. Benedito Paulo Alves de Souza, Secretário do Bispado; em terceiro lugíar, o Cônego Ezequias Galvão da Fontoura, Arcipreste da S. Igreja Catedral". (17)

Estava em Roma o Bispo de São Paulo. A cidade dos Papas ficou admirada ante a figura apostólica do Bispo que para lá se dirigia tão só-

17) — BOLETIM ECLESIASTICO, III, pg. 178.

mente para que lhe diminuissem o número dos seus jurisdicionados. Não pedia nada; apresentava e cedia imenso território para novas dioceses.

Decorreram pouco mais de dois meses. Vencera a vontade heróica do Bispo, que regressára a São Paulo.

E o nosso vastíssimo bispado foi retalhado em cinco dioceses, contando a séde ficariam seis: São Paulo,, Campinas, São Carlos, Taubaté, Botucatu e Ribeirão Preto, bula *Diocesium nimiam amplitudinem* (7 de julho de 1908). De início Curitiba também era sufragânea de São Paulo; separou-se bem mais tarde.

Outros bispados foram criados muitos anos depois: Lorena, Santos, Sorocaba, Cafelândia, Assis, Rio Preto, Bragança e Piracicaba.

Era a maior arquidiocese do mundo.

Em tôdas as bênçãos que se derramam pelos bispos que regem os novos rebanhos, terá parte não pequena a mão desinteressada e benfazeja de D. Duarte Leopoldo e Silva.

Ficará o seu nome ligado à página mais brilhante da história eclesiástica de São Paulo: — *a criação das dioceses*". (18).

(Continua no próximo número)

18) — ESBÔÇO BIOGRÁFICO DE D. DUARTE, pg. 104 a 108.

Conteúdo do artigo no volume 66 da revista

Retirado de: http://ihgsp.org.br/wp-content/uploads/2018/03/Vol-66.pdf

DOM DUARTE LEOPOLDO E SILVA

Monsenhor Paulo Florêncio da Silveira Camargo

(Continuação e conclusão)

1. D. Duarte foi nomeado Arcebispo. A criação das dioceses mostrou que "os frutos dêsse gesto sublime de desprendimento são patentes aos olhos de todos que vêm acompanhando os surtos da vida católica, em todo o Estado paulista, e o reflorescimento do espírito cristão, em tôdas as manifestações das atividades sociais. Basta lembrar que as duzentas e poucas paróquias de então, são hoje cêrca de mil.

"Despojou-se a si mesmo — disse, sorrindo, o Santo Padre Pio X a D. Duarte; é preciso elevá-lo". E o promoveu à dignidade de Arcebispo, por decreto de 7 de junho de 1908, e que foi pôsto à execução pelo Núncio Apostólico, D. Alexandre Bavona, a 18 de setembro do mesmo ano.

Dividida a diocese e revestido do Pálio Arquiepiscopal, deu início D. Duarte ao desdobramento de uma atividade tão intensa e complexa, tão inteligente e constante, que abrangeu, conjuntamente, todos os setores importantíssimos de uma vasta administração eclesiástica", [19] repartida em vários centros regionais independentes.

Em 1910 D. Duarte visitou tôdas as igrejas matrizes da Arquidiocese, tendo, desde o ano anterior, feito inspeção às associações e irmandades o Cônego Sebastião Leme.

Na Capital paulista se reuniu ainda a IV Conferência do Episcopado Sul, de 25 de setembro a 8 de outubro de 1910. As solenidades e as sessões foram efetuadas no Santuário do Coração de Maria.

Em 25 de setembro celebrou o sr. Cardeal a Missa inaugural do Espírito Santo e, às doze horas, houve a primeira reunião, cujos trabalhos sofreram ligeira interrupção para que o Episcopado recebesse, às quatorze horas, a visita oficial do dr. Albuquerque Lins, presidente do Estado. No dia imediato, os Arcebispos e Bispos estiveram no Palácio dos Campos Elíseos, retribuindo a visita do Presidente de São Paulo.

---

19) D. Frei Luís Maria de Santana — «Oração Fúnebre de D. Duarte», pág. 11.

Nessa conferência tomaram parte os seguintes prelados: D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro; D. Silvério Gomes Pimenta, Arcebispo de Mariana; D. Duarte Leopoldo e Silva, Arcebispo de S. Paulo; D. Cláudio Ponce de Leão, Arcebispo de Pôrto Alegre; D. Joaquim Silvério de Souza, Bispo de Diamantina; D. José Marcondes Homem de Melo, Arcebispo-Bispo de São Carlos; D. João Nery, Bispo de Campinas; D. Eduardo Duarte Silva, Bispo de Uberaba; D. Fernando de Sousa Monteiro, Bispo de Vitória; D. João Braga, Bispo de Curitiba; D. Antônio de Assis, Bispo de Pouso Alegre; D. Epaminondas Nunes de Ávila e Silva, Bispo de Taubaté; D. Alberto Gonçalves, Bispo de Ribeirão Prêto; D. João Becker, Bispo de Florianópolis; D. Prudêncio Gomes da Silva, Bispo de Goiás; D. Agostinho F. Benassi, Bispo de Niterói; D. Lúcio Antunes de Sousa, Bispo de Botucatu e D. João de Almeida Ferrão, Bispo de Campanha. Faltou apenas D. Carlos Luís d'Amour, Arcebispo de Cuiabá, que, chegando ao Rio de Janeiro, adoeceu e não pôde comparecer". (20)

O que Monsenhor Manuel Barbosa não diz é que fizeram um livro de perto de seiscentas páginas para esquema das resoluções e estatutos da IV Conferência dos Bispos das Províncias Eclesiásticas de São Sebastião do Rio de Janeiro, Mariana e São Paulo, com 1.187 artigos e apêndice enorme de cerimônias, devoções, com um capítulo: "Atos do Govêrno Metropolitano de S. Paulo", com certeza para amostra. Falavam em escolas paroquiais, Universidade Católica, de urgente necessidade, de ação social, etc.

Lembravam a entrega do prédio inacabado de Aparecida aos **Padres Sulpicianos**; poupariam as dioceses os Padres seculares para o serviço essencial da cura de almas e os Padres formados pelos Sulpicianos seriam verdadeiros ministros. Na Europa não havia educadores melhores. À margem de um dos livros, está escrito a lápis com letra de D. Alberto José Gonçalves, Bispo de Ribeirão Prêto: "NÃO — a educação do clero deve ser nacional" e os Sulpicianos não vieram; foi pena e grande.

Os boletins eclesiásticos dessa época e de outras trazem o movimento da Arquidiocese com minúcias, inclusive artigos doutrinários e importantes circulares.

O Vigário Geral era Monsenhor Dr. Francisco de Paula Rodrigues, porém, o Pró-Vigário Geral de D. Duarte fôra nomeado Bispo auxiliar do Rio de Janeiro e sagrado em Roma a 4 de junho de 1911. Era o ilustre D. Sebastião Leme da Silveira Cintra, que tanto se agigantara em São Paulo na reação dos católicos contra a infame calúnia lançada ao piedoso P.e Faustino Consoni no célebre "caso Idalina" tão malèvolamente urdido pela

20) Pe. Manuel Barbosa — «A Igreja no Brasil», pág. 253.

"A Lanterna". Êste, além dêsse episódio calunioso, trazia escritos anti-clericais de baixo calão, que fizeram sofrer muito o Arcebispo Metropolitano e todo o seu clero de São Paulo, atacados no que mantinham com mais interêsse na sagrada virtude clerical. O **Parafuso**, posterior, não ficava atrás nas infâmias.

Por isso mesmo, ainda em 1911, D. Duarte promoveu missões nas paróquias pelos Padres Jesuítas e Padres do Coração de Maria. Os primeiros em Campo Largo, Atibaia, Nazaré, Bragança e Curralinho. Os segundos em Santo Amaro, Ó, São Bernardo, Santos, São Vicente, Conceição de Itanhaém, Mogi das Cruzes e Guararema.

D. Duarte, nesse tempo, promovia as visitas pastorais nas paróquias da Capital, acompanhado pelo P.e Joaquim Antônio do Canto e clérigo Luís Miéle.

A **Ordem Terceira de São Francisco da Capital** fôra interditada, porém, a 26 de julho de 1911, D. Duarte facultou aos confessores absolverem os arrependidos da rebelião.

O jornal "Bênção Divina" surgiu em Aparecida; não era aprovado, nem merecia apoio dos católicos.

D. Duarte, P.e Péricles Barbosa e Dr. Adolfo Pinto sairam juntos a convidar os que fariam parte da comissão para a Catedral Nova (7 de janeiro de 1912).

Cônego Higino trouxe da Itália o P.e Ettore Dehó, para pregar quaresmais no Brás, com grande sucesso.

Ao ausentar-se para a Europa, D. Duarte nomeou Governadores do Arcebispado: Mons. Dr. Francisco de Paula Rodrigues, Mons. Benedito Alves de Souza, Mons. Esequias Galvão da Fonseca e Mons. João Evangelista Pereira Barros (15 de maio de 1912). Voltou tão sòmente a 2 de novembro. Longo período, aproveitado em excursões ilustrativas nos lugares pitorescos e famosos do Velho Mundo.

O jubileu universal foi executado em São Paulo com visitas marcadas por D. Duarte às igrejas: Convento do Carmo (Sé provisória), Boa Morte (Curato da Sé) e Santa Teresa.

* * *

2. A **Catedral** nova deveria ser edificada e porque não?

"A 25 de janeiro de 1912, o Arcebispo de São Paulo convocava para se reunirem, no Palácio de São Luís, representantes das mais notáveis famílias paulistas, a fim de dar-lhes conhecimento do seu grandioso projeto. Ficou organizada a Comissão Executiva que deveria dirigir as obras e promover os recursos necessários para realização do grande cometimento. Pensamos que esta Comissão ficou constituída com os mesmos componentes que ainda muitos anos a fio a integraram, nomes respeitabilís-

simos e de grande prestígio social: Dr. Adolfo Augusto Pinto, engenheiro; Dr. Francisco Morato, lente da Faculdade de Direito; Conde de Lara, Dr. José Carlos de Macedo Soares, Barão do Amaral, Bento José de Carvalho e Erasmo Teixeira de Assunção. **Diretório:** Presidente, Conde de Prates; vice-presidente, Dr. Gabriel Dias da Silva; 1.° secretário, Dr. Adolfo Augusto Pinto; 2.° secretário, Dr. João Antônio de Oliveira César; 1.° tesoureiro, Conde de Lara e 2.° tesoureiro, Comendador Leôncio do Amaral Gurgel.

Assim falou o Arcebispo, em 1912, na célebre reunião:

"Se os templos se edificam mais para os homens do que para Deus, que colocado no santuário da sua inesgotável riqueza, nada reclama da nossa abundância, nós católicos e paulistas, queremos uma catedral que seja uma escola de arte e um estímulo a pensamentos mais nobres e mais elevados, queremos uma catedral opulenta, que, testemunhando a fartura dos nossos recursos materiais, seja também um hino de ação de graças a Deus Nosso Senhor.

Saibam os paulistas de amanhã que a fibra do bandeirante, lutador e intimorato nas asperezas da selva, não se enfraqueceu nos confortos da vida moderna, como não se entibiou a sua fé nos esplendores da ciência e da civilização.

Por uma lei histórica e fatal, São Paulo há de caminhar na vanguarda sempre, tem a cumprir uma grande missão política e social, e a sua hegemonia, civil e religiosa, já não pode ser contestada.

Pois bem, o monumento artístico e religioso, que breve se há de erguer na colina do venerando Padre Anchieta, há de ser o sêlo dessa imensa e poderosa grandeza, e eu me ponho à frente dêsse tentamen com todo o calor da minha fé cristã e com todo o entusiasmo de minha alma paulista".

A 29 de junho de 1913, foi lançada a pedra fundamental do soberbo monumento de arte, o qual, lamentàvelmente, os paulistas ainda não possuiam em tôda a sua magnificência e esplêndida beleza.

Dessa solenidade, que fale quem dela foi testemunha e não nós que, ao tempo, nos achávamos longe de São Paulo. Dr. Adolfo Pinto assim narrou a cerimônia:

"Solene e revestido de tôda a pompa da liturgia católica foi o ato de lançamento da primeira pedra da nova catedral pelo Exmo. e Revmo. D. Duarte Leopoldo e Silva, Arcebispo Metropolitano, cerimônia realizada segundo as prescrições do Pontifical Romano, achando-se presentes o cabido, o clero regular e secular da cidade, o reitor e os professôres e alunos do Seminário Provincial, membros do Govêrno do Estado, da Magistratura, Câmara Municipal, Comissão Executiva das obras e grande massa popular.

Proferiu brilhante sermão alusivo ao faustoso acontecimento D. Sebastião Leme da Silveira Cintra, Bispo de Orthosia e Auxiliar do Arcebispado do Rio de Janeiro, o qual, dois anos antes, havia sido Cônego da Catedral de São Paulo e Pró-Vigário Geral e do Arcebispado, tendo concluído a sua oração com estas belas palavras: "Teodoro Roosevelt, um estadista e um insuspeito, porque não é católico, disse que "o progresso de uma nação se fundava no respeito à lei, e para o respeito à lei só via ensinamentos de eficácia na religião católica, que reprime e condena os ímpetos do crime e da libertinagem.

"O respeito à lei está nos sagrados influxos da justiça, êsses sagrados influxos da justiça estão no Evangelho, e o Evangelho, tal qual saiu dos lábios de Cristo, está na religião católica.

Concluindo, senhores, eu vos digo que já me parece ver nos horizontes do futuro resplandecer essa aureola que os pósteros hão de coroar os propulsores, os beneméritos fundadores da Catedral de São Paulo". (21)

Após o início, a catedral devia subir, embora vagarosamente.

"Naquela época vivia e lecionava em São Paulo o arquiteto Maximiliano Hell e, pràticamente, só êle pôde ser indicado e aceito, porque não existiam outros. Dizemos logo que a sua presença "in loco" constituiu uma grande vantagem. Que o seu projeto fôsse criação inspirada no estilo da idade média européia, não constitui culpa que lhe possa ser imputada. Não era, talvez, aquêle o tempo em que as próprias cidades européias, para fazer frente às necessidades imperiosas do urbanismo, espantosamente dilatando-se e alterando-se substancialmente foram vítimas também daquela terrível doença estética que tomou o nome de Eclestismo?

Não era êsse o tempo em que os arquitetos do mundo todo se esforçavam por construir casas e vilas segundo os desenhos dos castelos medievais e das grandes vilas da renascença? Na Itália, na França, na Alemanha, mas sobretudo na Inglaterra, não se construiam então igrejas e até capelas funerárias com a premeditada pretensão de imitar as grandes catedrais românicas e góticas?

De outra parte, o romanticismo, que durante decênios tinha impedido o espontâneo fluir e o conseqüente desenvolvimento da tradição artística, tentava, por todos os meios, valendo-se de artífices incapazes, a sua externa defesa. Por isso, não é para admirar se um homem como Hell, vivendo mais de dez mil quilômetros longe da velha Europa, que naquele tempo tinha em suas mãos e sem oposição tôda a iniciativa artística, não fizesse outra coisa senão seguir a corrente comum!

21) «Esbôço Biográfico de D. Duarte», pág. 148 e seguintes.

A catedral surgiu, portanto, em estilo gótico e de gótico foi uma criação correta na forma e monumental em suas proporções". (22) A cúpula, em **estilo gótico**, é uma inovação completamente brasileira.

"A 5 de julho de 1913, já se iniciavam as obras com um fundo de contribuições que excedia de dois mil contos, contribuições que, mais tarde, se elevaram com o concurso que trouxeram à grande e benemérita obra o Govêrno do Estado e a Municipalidade que, ambos, compreenderam perfeitamente que não era um credo religioso que se ia dotar de um vasto e artístico templo, mas sim também a capital e o Estado de São Paulo, que iam ao mundo apresentar um notável monumento de arte e atestado da grandeza na sua prosperidade invejável.

Cinco anos decorreram em trabalhos colossais, que absorveram todos os recursos disponíveis. O gigante de granito ia já exibindo a sua atlética e artística estrutura. A monumental porta principal atraía a admiração de quantos, doutos na matéria, a contemplavam no seu esmerado trabalho de escultura e de arabescos, que se confundiam num conjunto de beleza, exibindo ramos das espécies vegetais e os frutos que fazem a nossa grandeza no silencioso trabalho de elaboração contínua sob as mãos de Deus, que abençoa o solo paulista e faz doce o seu clima e afasta os meteoros e os cataclismas que, numa hora, dar-lhes-iam a morte e que são o desespêro de tantos outros países.

E no seio do colosso, nos seus subterrâneos, estavam concluídos o seu coração e os seus pulmões, de rara e comovente beleza: a sua monumental cripta e os seus orgivos, aquela sob a capela-mór e êstes sob as tôrres góticas, que ainda não foram ao céu buscar o oxigênio que há de fazer arfar o peito e dar rítmo àquele coração magoado que ali está a pulsar no subsolo".

As tôrres estão agora em final acabamento.

— IV —

GRANDES ATIVIDADES — 1914 a 1931

1. **Algumas Efemérides**

O ano de 1914 fôra, todavia, de maior atividade.

A 1.° de janeiro D. Duarte estava em Santos; não haveria a recepção costumada para os votos do clero e dos fiéis aos **Bons Anos** tradicionais. Dia 5, porém, já estava D. Duarte em São Paulo. Veio acompanhado do Cônego Dr. Joaquim Rodrigues de Oliveira, secretário geral do Arcebispado cujo "Anuário" foi elogiado pelo "Correio Paulistano".

22) «Guia da Catedral Metropolitana», págs. 11 e 12.

O jornal católico "Gazeta do Povo" conseguiu seu quinto aniversário de fundação, com alegria de D. Duarte, seu patrocinador.

Nessa época era secretário particular do Arcebispo o P.e Arquibaldo Ribeiro, que o representava nas solenidades em que êle não podia comparecer pessoalmente. Padre Arquibaldo depois dirigiu o "Boletim Eclesiástico". Mons. Agnelo de Morais era o fiel administrador da confiança de D. Duarte, tanto para os bens da Cúria Metropolitana como a seguir os do Seminário Maior da Arquidiocese.

A 4 de fevereiro de 1914, D. Duarte criou muitas paróquias: Santo Antônio da Barra Funda, Santo Antônio do Pari, São Januário da Moóca, São Geraldo das Perdizes, Nossa Senhora de Montesserrate de Pinheiros e Nossa Senhora Auxiliadora do Bom Retiro.

Chegou neste ínterim, e se apresentou a D. Duarte, com o Cônego Higino de Campos, o grande pregador italiano, o eloqüentíssimo franciscano **Frei Teodósio Somigli di San Detole**, que encantou as quaresmais da paróquia do Brás.

P.e Teófilo Lavignani, S.J., pregou o retiro aos seminaristas que compareciam aos ofícios da Catedral provisória, então Santa Ifigênia para a Semana Santa, cujos ofícios D. Duarte assistia religiosamente. Após o retiro D. Duarte benzia as batinas aos novos alunos do Seminário.

Nesse ano, convocou os bispos sufragâneos para conferência. Vieram: D. João Batista Correia Nery, D. Alberto José Gonçalves, D. Lúcio Antunes de Souza e D. José Homem de Melo. D. Epaminondas Nunes de Ávila não comparecia a êstes encontros. Foi quando chegou D. Lourenço Zeller, Abade de Seckau, em visita canônica aos beneditinos. Entendeu-se, naturalmente, com o Arcebispo, comunicando-lhe seu cargo de visitador oficial e tomando as primeiras informações indispensáveis.

Levou de D. Duarte a convicção que era um grande Arcebispo, um dos maiores da Igreja Católica daquela época.

D. Joaquim Domingues de Oliveira deixou o cargo de secretário geral do Arcebispado, por ter sido nomeado Bispo de Florianópolis, onde está até hoje trabalhando na direção arquidiocesana. Iria a Roma com D. Duarte, que se preparava para a **visita ad limina**, obrigatória.

Foram nomeados Governadores do Bispado: Mons. Dr. Francisco de Paula Rodrigues, Mons. Dr. Benedito Alves de Souza, Mons. Eséquias Galvão da Fontoura e Mons. Dr. João Evangelista Pereira Barros.

D. Duarte removeu o P.e Maximiano Leite de Reitor do Seminário para Vigário de Santos. Não aceitou o cargo e foi residir no Rio de Janeiro. Ficou como Reitor o Pe. Alberto Teixeira Pequeno. Deixou outrossim o magistério no Seminério o P.e João

Gualberto do Amaral, o mais visado por D. Duarte na remodelação diretiva do Seminário Maior. Sabia D. Duarte que afastando o P.e Maximiano do Seminário, estava certo da retirada do P.e Gualberto. Assim foi.

Assumiu a secretaria do Arcebispado Cônego João Batista Martins Ladeira, nomeado pelo Arcebispo que, a bordo do "Araguaia", seguiu para a Europa, acompanhado do Cônego Felisberto Marcondes Pedrosa, D. Alberto José Gonçalves e D. Joaquim Domingues de Oliveira, bispo eleito de Florianópolis.

D. Duarte tinha chegado a Roma quando se realizou em São Paulo o "Congresso da Confederação Católica", cujo programa a "Gazeta do Povo" publicou. D. Duarte aplaudiu a comissão pelo êxito alcançado no decorrer das sessões; fôra recebido pelo Papa Pio X, em Roma, quando D. Sebastião Leme encerrava, em São Paulo, o mês de Maria na Consolação.

Teve também repercussão as bodas de ouro sacerdotais de Mons. Dr. Francisco de Paula Rodrigues no Santuário do Coração de Jesus e no Mosteiro da Luz, onde o homenageado era capelão. D. Duarte o felicitou de Roma, por telegrama.

Após grande sucesso oratório seguiu para a Europa Frei San Detole (20 de julho). O Núncio Apostólico D. José Aversa, Arcebispo titular de Sardes, estêve na Aparecida com D. Antônio Malan, Bispo titular de Amiso e Prelado do Araguaia.

Um dia depois da chegada de D. Duarte a São Paulo, falecia em Roma o Papa Pio X, de saudosíssima memória (20 de agôsto de 1914).

Foi eleito Papa o Cardeal Giacomo della Chiesa, tomando o nome de Bento XV. As exéquias pelo Papa falecido foram promovidas e presididas por D. Duarte. Oração fúnebre do Cônego Manfredo Leite, no São Bento.

D. Duarte dirigiu a romaria à Aparecida (7 e 8 de setembro), com grande concurso de romeiros, em vários trens da Central do Brasil. O edital do Arcebispo que a "Gazeta do Povo" publicou, apropriada oração pela paz, enquanto durasse a conflagração européia. O mesmo jornal reproduziu a admirável carta pastoral do Arcebispo sôbre o Santíssimo Sacramento.

Os Bispos das províncias mericionais foram convocados para a reunião coletiva em Nova Friburgo (9 de janeiro de 1915).

De fato lá estiveram e elaboraram as "Constituições das Províncias Eclesiásticas Meridionais do Brasil". Segundo afirmava um Padre jesuíta português, no gênero, era a melhor diretiva que êle conhecia e mandava ler nos retiros que pregava ao clero, tal a sua importância na ordem prática clerical.

Dois Congressos encheram as efemérides de 1915: Congresso Eucarístico de São Paulo (3 a 6 de junho) e VII Congresso dos Cooperadores Salesianos realizado também em São Paulo (28, 29 e 30 de outubro).

Os dois elegeram D. Duarte para presidente de honra.

Ao encerrar-se o primeiro congresso, referiu-se D. Duarte que "em nove anos de convivência o Arcebispo de São Paulo teve muitas vêzes ocasião de orgulhar-se dos seus diocesanos, daqueles que Nosso Senhor lhe deu por filhos.

A primeira ocasião, em que o Arcebispo de São Paulo se sentiu agigantado, com os seus diocesanos, foi há quatro anos, quando o povo paulista se levantou em pêso para levar pelas ruas da Capital um protesto de fé e de veneração àqueles eminentes prelados, aqui reunidos em Congresso Episcopal. Êsse protesto foi preparado pela Confederação Católica, fundada por D. José de Camargo Barros, e auxiliado por Mons. Pereira Reimão, Vigário Geral honorário da Arquidiocese.

A segunda ocasião em que o Arcebispo de São Paulo se sente grande perante vós, é esta em que os seus diocesanos, unidos de alma e coração, num Congresso Eucarístico, levantaram-se em pêso para honrar Jesus Cristo e para dizer — **Bendito e louvado seja a todo o momento o Santíssimo e Diviníssimo Sacramento**". (23) Nesta época ou depois o pregador italiano Frei d'Hanover encarregou-se das quaresmais do Brás.

D. Duarte perdeu o seu mais profícuo colaborador, Mons. Dr. Francisco de Paula Rodrigues, falecido a 21 de junho de 1915, na residência, anexa ao Mosteiro da Luz. No ano seguinte, entretanto, um grande amigo de D. Duarte assumiu o cargo de Presidente do Estado (1.º de maio de 1916), Dr. Altino Arantes; comparecia às funções religiosas com o têrço nas mãos. Avisado por um franciscano que na parada militar de 7 de setembro seria assassinado, tomou as providências cabíveis à ameaça do atentado. D. Duarte compareceu à parada para absolver o presidente, caso se realizasse o crime dos socialistas. Felizmente, nada aconteceu.

Tomou posse como engenheiro da Catedral o Prof. Jorge Krug (7 de setembro de 1916).

No "Congresso da Mocidade" (15 de novembro de 1917), o Dr. Altino Arantes, no Teatro Municipal, defendeu a entrada do Brasil na guerra européia.

D. Duarte nomeou brasileiros para superiores das Ordens Religiosas masculinas e femininas, a fim de evitar conflitos de nacionalidades.

A 20 de dezembro de 1918, foram transportados para a linda cripta da Catedral, os restos mortais dos antigos Bispos da Diocese que jaziam no claustro do velho e já desaparecido Convento de Santa Teresa, que também ruiu ao sôpro reformador do grande Arcebispo que, em seu lugar, dotou a cidade de monumentais palácios modernos e artísticos.

23) «Congresso Eucarístico de São Paulo», 1915, 327.

A 16 de janeiro de 1919, o Arcebispo D. Duarte Leopoldo e Silva inaugurava a cripta da Catedral, dando-lhe a bênção litúrgica e celebrando a primeira missa por alma de seus antecessores, todos ali repousando para sempre, em número de dez: D. Bernardo Rodrigues Nogueira (1745-1748), D. Frei Antônio da Madre de Deus Galrão (1750-1764), D. Manuel da Ressurreição (1771-1789), D. Mateus de Abreu Pereira (1795-1824), D. Manuel Joaquim Gonçalves de Andrade (1827-1847), D. Antônio Joaquim de Melo (1851-1861), D. Sebastião Pinto do Rêgo (1861-1868), D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho (1872-1894), D. Antônio Cândido de Alvarenga (1898-1903) e D. José de Camargo Barros (1904-1906).

E desde então a cripta foi aberta ao culto público, sendo celebrado, todos os domingos, o santo sacrifício da Missa.

Mais tarde foram ali recolhidos os despojos de Tibiriçá e dos antigos paulistas e principalmente do P.e Diogo Antônio Feijó, vulto inesquecível da nossa política.

O Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo havia tomado a peito a descoberta dos despojos do venerando patriota, que se não sabia onde jaziam, já se tendo mesmo formado a quase convicção de que haviam desaparecido quando fôra revolvido o subsolo da velha Sé, também sem resultado efetivo. Em São Francisco foi encontrado o seu túmulo.

A êste trabalho de pesquisas penosíssimas, logo se aliou o Arcebispo de São Paulo, que era membro proeminente neste precioso centro de estudos históricos e geográficos.

2. Mais Notícias

A Capital tinha 528.295 habitantes, sendo que 8.000 foram dizimados pela gripe de 1918. Nessa ocasião foram excepcionais os serviços da Liga Nacionalística, das associações religiosas e do Clero, chefiados diretamente por D. Duarte, elogiado depois pelo Papa Bento XV no ano seguinte. A respeito do que ainda faremos menção.

O armistício da guerra foi festivamente comemorado, em São Paulo (19 de novembro de 1918), apesar de várias greves de operários que iam surgindo e crescendo, bafejado por socialistas e comunistas já fermentando aos poucos na massa operária.

Mons. Dr. Emílio Teixeira foi o nôvo Vigário Geral, empossado a 9 de agôsto de 1919, com grande solenidade.

D. Duarte foi visitar D. Sebastião Leme, então Arcebispo de Olinda e Recife. Ficou três longos meses no Norte do país (17 de agôsto até 10 de outubro de 1919). A 9 de novembro de 1919 fundou-se a Liga do Professorado Católico e depois a Associação

das Mães Cristãs, sendo diretor o Mons. Dr. Emílio Teixeira, nomeado por D. Duarte.

Desde o fim do ano, havia campanha eleitoral; foi eleito presidente do Estado o Dr. Washington Luís Pereira de Souza, que seria o construtor de rodovias em vários pontos do Estado. Vice-presidente, Fernando Prestes.

D. Duarte mantinha-se na linha impecável educacional de correção arquiepiscopal, embora sem maiores aproximações, quando percebia não serem os governantes muitos afeitos à religião católica. Ofereceu, entretanto, banquete a Washington Luís, anos depois, quando fôra eleito Presidente da República.

A carta do Papa Bento XV, felicitando D. Duarte pelos trabalhos caridosos na gripe do ano anterior, tem a data de 24 de maio de 1919.

Assumiu o cargo de engenheiro da Catedral o Dr. Alexandre Albuquerque (13 de agôsto de 1919); seu auxiliar era o Dr. Nicolau Henrique Longo.

Nesse mesmo ano, a 13 de novembro, o Núncio Apostólico D. Ângelo Scapardini visitou oficialmente São Paulo, sendo recebido com as honras militares que lhe eram devidas. D. Duarte manifestou-se cortês e delicado com o representante da Santa Sé, que elogiou a Cúria Metropolitana, tanto em sua construção como especialmente em seu andamento futuro do pessoal interno. Após o banquete, oferecido pelo Presidente do Estado, Dr. Altino Arantes, partiu o Núncio dia 18 para o Mato Grosso.

O oitavo centenário da Ordem Premonstratense foi celebrado em Pirapora com a presença de D. Duarte, D. José Marcondes Homem de Melo, D. Miguel Kruse e D. Gummaro Crets, Vigário Geral da Ordem Premonstratense e Abade de Averbode, na Bélgica. Houve três Missas pontificiais. As festas perduraram 16, 17, 18 e 19 de agôsto. Depois, a 11 de janeiro de 1920, faleceu o Reitor Cônego Vicente Van Tongel, sendo substituído no Seminário Menor pelo Cônego Alderico Lambrechts, com anuência de D. Duarte, que instituiu o dia da "Boa Imprensa", a ser celebrado cada dia 2 de fevereiro.

Nesta época chegou outra visita: o Bispo de Fortaleza, D. Manuel da Silva Gomes, que veio pedir esmolas para os flagelados; servia-se do P.e Joaquim Antônio Tabosa pelo Ceará e P.e Joaquim Quirino de Sá, pela Paraíba do Norte. O jornal "O Estado de São Paulo" deu grande cobertura à arrecadação pecuniária e o Cônego Dr. Francisco de Melo e Souza, Vigário da Consolação, o favoreceu com quermesse, aprovada por D. Duarte, em prol dos sofredores da sêca nordestina terrível em suas conseqüências funestas.

Seguiu D. Manuel para Curitiba, contente com a cooperação de D. Duarte (20 de janeiro de 1920). Quatro dias depois chegou

o Cardeal D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, que se manifestou sempre o grande amigo de D. Duarte. Visitou a Catedral, a Cúria e teve as expressões de aplausos concretizados na maestria de D. Duarte, "que estava dando lições". Acompanhado de seu zelosíssimo Secretário Mons. José de Moura Guimarães, voltou S. Emcia. às férias em Taubaté.

D. Duarte compareceu a Campinas, onde faleceu D. João Batista Correia Neri; pontificou o Arcebispo na missa do 30.° dia.

O prédio inacabado de Aparecida teve um impulso efêmero em 1920; infelizmente as obras pararam novamente por enormes dificuldades, sendo que D. Duarte as julgou desnecessárias e dispendiosas demais.

O Cardeal Arcoverde chamou D. Duarte ao Rio de Janeiro, para conferência reservada, cujo assunto foi mantido em sigilo absoluto.

Inundado de alegria, D. Duarte celebrou as bodas de prata de sua paróquia de Santa Cecília, a 21 de abril de 1920. Lembrou-se de seus enormes trabalhos como primeiro Vigário e do 2.°, Mons. Benedito Paulo Alves de Souza e do 3.°, Cônego Felisberto Marcondes Pedrosa. Parecia ser tudo fruto dos trabalhos homogêneos. Um dia depois a Cúria Metropolitana foi inaugurada com entusiasmo por D. Duarte. Fôra, anteriormente, concedido pelo Govêrno do Estado quinhentos contos de réis, pela Lei n.° 1.719, artigo 1.°, letra "a" e "b", de 30 de dezembro de 1919. D. Duarte agradeceu e neste ínterim viajou para Aparecida, de onde seguiria para o Rio de Janeiro.

Nesta ocasião chegava a São Paulo D. Benedito Alves de Souza, Bispo do Espírito Santo e D. Otaviano Pereira de Albuquerque, do Piauí. D. Duarte jogava bilhar, nas poucas horas vagas, com seus amigos, entre os quais nosso consócio Coimbra.

A canonização de Santa Margarida Maria Alacoque trouxe avivamente no **Mosteiro da Visitação**, com **Te Deus** dia 13 de maio, com sermão do P.e Gustavo Locker, S.J., e Pontifical de D. Duarte.

Repercutiu muito favoràvelmente no círculo francês a canonização de Santa Joana D'Arc, a heroína reabilitada pelas suas virtudes.

O Clero brasileiro ufanou-se com a recepção, na Academia Brasileira de Letras, de D. Silvério Gomes Pimenta, Arcebispo de Mariana (28 de maio de 1920), saudado pelo acadêmico Carlos de Laet. D. Duarte o felicitou, pois, gostou imensamente da gloriosa meta atingida pelo grande e ilustre Arcebispo prêto: **niger sed sapiens.**

Cansado das viagens apostólicas, D. Duarte nomeou o Cônego Dr. José Higino de Campos, Visitador Diocesano (11 de agôsto de 1920), cargo desempenhado com zêlo apostólico.

S. Sebastião Leme da Silveira Cintra, Arcebispo de Olinda e Recife, D. Francisco de Campos Barreto, Bispo de Campinas, D. Helvécio Gomes de Oliveira, Bispo de São Luís do Maranhão, visitaram D. Duarte: êste último veio também às festas do 105.° aniversário do nascimento de São João Bosco, fundador dos Salesianos. Em outubro chegaram D. Adauto de Miranda Henriques, Arcebispo da Paraíba do Norte, D. Quintiliano Rodrigues, do Crato e os Reis da Bélgica.

A bandeira do 7.° Batalhão dos Voluntários Paulistas, oferecida pelas senhoras de São Paulo, após a guerra do Paraguai, foi entregue ao Cabido Diocesano a 29 de abril de 1870. Estêve no Carmo, após a demolição da Sé e depositada na Cúria Metropolitana desde a sua inauguração (22 de abril de 1920), por ordem expressa do Arcebispo.

D. Duarte foi Vice-Presidente dêste Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, de 1919 a 1922. Na sessão de 21 de abril de 1921, Presidente interino, leu durante duas horas o "Clero e a Independência", trabalho julgado originalíssimo e patriótico.

Tal era a chama do amor a seus país que certa feita a oradora do Colégio de Sion terminou seu discurso dizendo que nós tínhamos duas pátrias — Brasil e França. D. Duarte corrigiu: temos três pátrias: 1.ª **Brasil**, 2.ª **Brasil** e 3.ª **Brasil**!

Alguns meses depois chegava a São Paulo o Núncio Apostólico, D. Henrique Gasparri (23 de junho de 1921), em visita de cortesia e missão particular.

Entre os mortos que mereceram exéquias de D. Duarte, lemos à Princesa Isabel, falecida na França, ao Papa Bento XV, que morreu a 22 de janeiro de 1922.

Foi eleito Pio XI (Achiles Ratti). D. Duarte, além das exéquias ao Papa falecido, promoveu **Te Deum** ao nôvo Sumo Pontífice, conforme ritual próprio.

Convidado, D. Duarte compareceu ao Rio de Janeiro para conferência de seu assunto predileto — "O Clero e a Independência", a 11 de junho de 1922.

Recebeu, outrossim, a visita do Cardeal Francisco Aldano Gasquet, que se fazia acompanhar de alguns Monsenhores e de guardas nobres do Vaticano (12 de agôsto de 1922). Recebido com igual aparato na Arquidiocese e no Mosteiro de São Bento, cuja basílica sagrou. Elogiou o Arquivo da Cúria Paulistana.

A Pontifical do Centenário da Independência (7 de setembro) foi na porta principal da Catedral em construção, por D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, com assistência de muitos Bispos, pessoal do govêrno, secretários de Estado e cônsules e povo imenso. Foi um sucesso extraordinário.

Mons. D. Francisco Cherubim, vindo de Roma, também visitou D. Duarte, a Sé, o Seminário e a Faculdade de Direito (25 de setembro de 1922), com agrado geral. Era, enfim, a vida continuada em momento alegres de convívio social e de tristezas pelos infaustos acontecimentos que não poupam a ninguém.

A coleta pelas crianças russas rendeu trinta contos de réis, recebendo D. Duarte agradecimentos do Papa. Estava o Arcebispo internado no Hospital Santa Catarina, onde sofrera intervenção cirúrgica. Após recuperar-se, foi assistir o brilhante Congresso do Centenário do Rio de Janeiro, promovido por D. Sebastião Leme da Silveira Cintra, já Arcebispo Coadjutor do Cardeal Arcoverde.

No ano seguinte (1923), o rádio entrou em São Paulo, esperança de maior evangelização. Época de sêca intensa: D. Duarte recomendou orações para cessar a prolongada estiagem. Comemorou o centenário da morte de Frei Antônio de Santana Galvão, no Mosteiro da Luz, com solene pontifical.

Os títulos de Conde Romano e Assistente ao sólio Pontifício, com que D. Duarte fôra agraciado, era comum aos Bispos mais notáveis nos trabalhos diocesanos. Depois o uso cessou. Agora foi concedido a D. Manuel D'Elboux, Arcebispo de Curitiba.

D. Duarte compareceu à posse do Presidente Dr. Carlos de Campos (1.º de maio de 1924).

Não quis deixar suas ovelhas sem assistência e D. Antônio de Assis, indicado Visitador Apostólico, desde começos de 1924, continuava a sua faina apostólica pelas paróquias do interior. Levou como secretário o P.e Genésio Nogueira, grande orador sacro e ótimo auxiliar.

O Núncio Gasparri, pela segunda vez visitou São Paulo (24 de fevereiro de 1924), com a igual simpatia que irradiava.

As festas cardinalescas, jubileu de D. Arcoverde, atraiu ao Rio de Janeiro a maior parte dos bispos brasileiros, inclusive D. Duarte, que nomeou, neste ínterim, a Mons. Dr. João Batista Pereira Barros, pró-Vigário Geral (7 de maio de 1924).

Faremos ainda referências à revolução de Isidoro (6 de julho de 1924). Mons. Nicolau Cosentino fôra nomeado provedor da Mitra (25 de setembro de 1924).

O Ano Santo de 1925, além das visitas às igrejas prescritas, teve a ida a Roma do próprio D. Duarte, em visita também **ad limina**, pela última vez, deixando os mesmos governadores da outra viagem anterior.

O Estado de São Paulo tinha 5.150.000 habitantes, na sua maioria católica. O relatório fôra honroso a D. Duarte na Europa e no Brasil. O clero atingia a mais de trezentos padres em atividades paroquiais ou em capelanias. D. Duarte confessava-se, semanalmente, com um Frade Capuchinho.

D. Gastão Liberal Pinto fôra nomeado Vigário Geral do Arcebispado. Em 1927 D. Duarte nomeou o P.e Irineu Cursino de Moura diretor da Federação Mariana Masculina, então fundada. Foi um sucesso de grandes proporções. Conseguiu Padre Cursino 25.000 marianos em retiros espirituais nos dias de carnaval. Número jamais atingido! Visto como há o caminho Jesus por Maria veio a seguir uma promoção oficial:

O célebre Congresso Mariano de 5 a 7 de setembro de 1929, em Aparecida. Além da promulgação do jubileu da coroação de Nossa Senhora (1904-1929), houve o mandamento de D. Duarte:

1.° — No dia 30 de agôsto começaria na Basílica a novena de preparação às festas jubilares, pregando em cada dia um dos Bispos que, piedosamente se prestassem a contribuir com a sua palavra autorizada de Chefe e de Pastor, para essa grandiosa solenidade.

2.° — No dia 8 de setembro, haveria solene pontifical, oficiando muito provàvelmente o digníssimo representante do SS. Padre e Núncio Apostólico no Brasil, D. Bento Aloísio Masella, com assistência dos Bispos presentes e de todo o clero. Faria o panegírico da Santíssima Virgem um dos Bispos: foi D. João Braga, Arcebispo de Curitiba, o mesmo que falou em 1904.

3° — À tarde, à hora conveniente, percorrerá as ruas de Aparecida solene procissão, com a veneranda e milagrosa imagem de Nossa Senhora.

4.° — Nos dias 5, 6 e 7, reunir-se-ia o Congresso Mariano, sob a presidência de um dos Bispos, de acôrdo com o programa que oportunamente seria publicado.

5.° — O Reitor da Basílica ficava autorizado a tomar as demais providências oportunas e necessárias para execução do programa e maior brilhantismo de tôdas as solenidades.

6.° — Os Vigários organizariam romarias a Aparecida.

7.° — As Congregações Marianas e outras associações consagradas a Nossa Senhora deviam tomar parte nas solenidades.

8.° — Nos dias 5, 6 e 7, nas matrizes e capelas alguma solenidade em louvor a Nossa Senhora Aparecida, comunhão geral, dia 8 daquêle mês de setembro.

9.° — Confissões nas respectivas paróquias.

Mais de 6.000 romeiros compareceram pela Estrada de Ferro. Outros em várias conduções, chegando a perto de 10.000 peregrinos. Foi um triunfo!

Em 1931 (outubro), assistia D. Duarte no Rio de Janeiro a inauguração de Cristo no Corcovado, monumental estátua de braços abertos como a dizer: **Vinde a mim todos que estais aflitos e oprimidos, Eu vos consolarei.**

— V —

EMPREENDIMENTOS SOCIAIS

1. Algumas Obras mais Notáveis

"Temos visto o Arcebispo nas suas relações com o seu clero. Vejâmo-lo, agora, por um instante, vigilante para que aos seus diocesanos leigos também não faltem, a todos, assistência espiritual, e aos pobres necessitados também a assistência material, nascidas ambas de fontes católicas dos sodalícios religiosos".

Aí está a Associação **Liga das Senhoras Católicas,** realizando vasto programa de assistência moral e material às jovens laboriosas. O seu magnífico Pensionato, os seus cursos de secretária, de português, de dactilografia, de estenografia, de trabalhos manuais. A sua agência de colocações em meios honestos e o soberbo edifício onde foi instalada a Escola Doméstica, na Moóca. Triunfo de obra benemérita de assistência social cristã e católica, como a desejava o Santo Padre Leão XIII. O posterior **Educandário D. Duarte** e outras obras assistenciais às crianças e famílias pobres em número elevadíssimo de departamentos.

A **Obra dos Tabernáculos,** associação de senhoras que, durante horas, em turmas diárias, se entregam ao trabalho piedoso e benemérito da confecção de paramentos para as matrizes e capelas pobres da Diocese. O desenvolvimento das **Damas de Caridades** e as **Conferências da Sociedade de São Vicente de Paulo,** fruto da sua constante assistência e decidida solidariedade para com a santa e providencial criação de São Vicente de Paulo e de Frederico Ozanan, o mestre santo da mocidade parisiense, cujo processo de beatificação já foi terminado. Muitas associações religiosas em escolas e em tôdas as paróquias.

Os colégios católicos, para ambos os sexos, se têm multiplicado na Arquidiocese. Aprovou D. Duarte a fundação, pelo abade D. Miguel Kruse, da "Faculdade Livre de Filosofia e Letras de São Bento", a cargo inicial de Monsenhor Charles Santroul, vindo especialmente da Bélgica, desde 13 de junho de 1908.

Transferiu D. Duarte o **Seminário** do velho casarão da Luz, onde estudára, mas então encravado no centro da cidade, em ambiente impróprio para seus fins, para a aprazível Vila Albertina, na Freguesia do Ó. Transformou completamente a propriedade alí adquirida e lhe anexou três novos pavilhões, obedecendo a todos os preceitos de higiene moderna e da pedagogia do nosso século. Entretanto, não era ainda aquilo, realmente, o que desejava quanto à instalação do Seminário de sua província eclesiástica. Todos estavam satisfeitos, menos D. Duarte.

Espírito moderno, em tudo que não se opunha à moral cristã, e que tinha o senso exato das grandes e perfeitas obras de arte,

pelo muito que tinha viajado, viu o que são os Seminários europeus, amplos, artísticos e cômodos aos seus usuários internos os seminaristas, professores e demais funcionários daqueles estabelecimentos.

Lançou, pois, a pedra fundamental do definitivo **Seminário Central** que se ergueu, soberbo, suntuoso e modelar, no alto do Ipiranga, num magnífico e amplo terreno, que para tal fim doaram o Conde Dr. José Vicente de Azevedo e Exma. Senhora.

É uma obra de grande vulto que honra São Paulo. Alí nasceu a **Faculdade de Teologia,** com que sonhava o seu infatigável fundador, na sua insaciável sêde de grandezas para a Igreja e para sua pátria.

Não poderíamos, porém, esquecer a notável aparição: — O "Asilo Padre Chico", para os cégos, no Ipiranga, e a Casa aos padres velhos da Arquidiocese, o "Recolhimento São Pedro" (1928), tão benemérito ao Clero Paulopolitano.

O primeiro foi levado avante por sua associação de senhoras católicas e o segundo pela "Irmandade de São Pedro dos Clérigos", em terrenos cedidos pelo Conde de Lara à Arquidiocese, para os nobilíssimos fins; dois têrços dos gastos pagos por D. Duarte.

À primeira vista, aos que não aprofundam estas coisas por falta de tempo que costuma contrastar com a facilidade do comentário leviano, parecerá que o Arcebispo de São Paulo nelas está apenas como o sagrante das obras pela sua investidura episcopal, visto tratar-se de feitos de católicos. Engano, a segura direção e iniciativa são mais importantes nos empreedimentos gerais do que a própria feitura.

No que concerne à difícil aspecto da vida social de uma grande cidade, anossa capital não tem nada a temer no confronto com qualquer outra. A Santa Casa, o Hospital das Clínicas, o Asilo Santa Teresinha do Menino Jesus, para os filhos dos leprosos, o Asilo Cristóvão Colombo, o Asilo do Bom Pastor, o Leprosário de Santo Ângelo, e , muitíssimosoutros mais, entregues às Irmãs de Caridade, que se sucedem contínuamente em santa abnegação de tôdas as horas em hospitais e nos colégios imuneráveis que aparecem por tôda a parte da arquidiocese em contínuo ressurgimento difusivo, hoje em número de 4.000 freiras!

E para tudo isto em grande escala nos fazia grande honra a permanente atividade do Arcebispo de São Paulo". (24)

Assim lembrou o Dr. Altino Arantes: — "Catalogou todo êsse imenso e confuso acêrvo de pápeis, de cadernos e de alfarrabios; recompôs-lhe as páginas dilaceradas pelo tempo ou roídas pela traça, decifrou-lhe os manuscritos enigmáticos ou a pique de apagarem-se; e levantou-lhe o cartulário minudente e completo

24) «Esbôço Biográfico de D. Duarte Leopoldo e Silva», pág. 120 e segs.

— com a proficiência de um historiador e o escrúpulo de um antiquário.

Ao lado do **Arquivo** e para seu complemento e ilustração, criou e organizou o **Museu Histórico da Mitra**, recolhendo para os seus ordenados mostruários as alfaias, as pratarias, os móveis e as jóias e tôda uma preciosa e multiforme infinidade de relíquias e objetos, a que se prendem fatos e reminiscências do nosso passado.

Eram precárias as condições de estabilidade e de higiene do velho Recolhimento de Santa Teresa, onde, desde os tempos coloniais, vivia na oração e na penitência uma respeitada e tradicional comunidade de freiras.

O Arcebispo, presto, acudiu em seu auxílio e fêz-lhe erigir, bem longe do borburinho da cidade, no silêncio e na sombra de vasto parque, um outro cenóbio — mais amplo e mais abrigado dos ruídos e das indiscreções do mundo exterior. E agora as doces carmelitas lá vivem e meditam, trabalham e oram, na sua humildade e perene missão propiciatória.

Caminhando vagarosas e cabisbaixas ao longo das largas claustras ou debulando, nas contas do rosário, as preces do seu coração macerado, "as suas mãos inermes e puras, erguidas para o céu, ganham mais batalhas do que essas outras — violentas e opressoras — que arremetem empunhando lanças e brandindo sabres".

Um outro recolhimento, igualmente venerado pelo culto secular dos paulistas, o Convento de Nossa Senhora da Luz, em adequada reconstrução.

Ampliaram-se, paralelamente, as instalações do Seminário Menor de Pirapora". [25] D. Duarte, durante o seu govêrno criou quarenta e quatro paróquias. Amante da numismática organizou esplêndida coleção de moedas.

2. Episódios Importantes

Recordamos episódios da vida social paulista e dos mais memoráveis eventos, nos quais D. Duarte, que era o Arcebispo, teve de aparecer com evidência. E o fazemos porque, nos quatro que vamos referir, se revelam os traços do seu caráter, é a tarefa mais importante e talvez de maior utilidades para o futuro, a qual deve preocupar quem quer que se encontre na obrigação de traçar, de qualquer modo, a sua biografia ou mesmo, como no caso presente, apenas subsídios para um outro biógrafo competente e mais erudito completar.

25) Altino Arantes — «Passos do Meu Caminho», págs. 245 e 246.

Um dêles ocorreu em 1918, outro em 1924: a mencionada epidemia da gripe espanhola e o levante militar, mais as revoluções getulista (1930) e a Constitucionalista (1932).

O **primeiro** lavrou o terror pânico na nossa Capital. Os que podiam, dela se retiravam apressadamente. Os que não ospodiam imitar, ficaram sob imenso pavor contemplando o quadro desolador ou concorrendo, com a vida e sofrimentos, para o vasto e doloroso cenário em que se transformou, ràpidamente, esta grande e movimentada cidade.

O Arcebispo ficou ao lado dos poderes públicos assoberbados com as dificuldades que, inopinadamente, apareceram, terríveis e pesadíssimas, e ao lado da população que padecia os horrores da mais temível epidemia de que se tem memória. Notadamente, as classes pobres tiveram naqueles dias as suas horas mais cruéis e pungentes aflições.

Ninguém, do clero ou das ordens religiosas, homem ou mulher, arredou pé do teatro dantesco que se criou. Muitos perderam a vida, contraindo o **morbus** fatal no serviço da caridade cristã nos hospitais, nos lares e por tôda parte onde alguém sofria ou morria. Faleceram: Cônego Luís Sangirardi, cura da Sé, P.e Bernardino Bandeira, Vigário da Barra Funda, P.e Perez do Coração de Maria e mais duas Irmãs da Santa Casa.

Com o seu exemplo, com o seu zêlo, com a sua palavra e com a sua autoridade, D. Duarte movimentou exército de mais de três mil pessoas, leigos e religiosos, que, em tôda parte, entraram em ação sob suas ordens e submissos na obediência que lhe deviam. Os médicos: Dr. Sinesio Rangel Pestana, Dr. Luiz Gonçalves da Silva, Dr. Zeferino do Amaral, Dr. Celestino Bourroul e outros muitos caritativos e beneméritos. As crianças da Associação dos Escoteiros Católicos, foram mobilizadas ràpidamente. As Conferências de S. Vicente de Paulo deram um contingente de mil homens, aproximadamente, para executar as ordens do seu Arcebispo. As escolas e colégios católicos, abriram suas portas, de par em par, bem como as ordens religiosas as dos mosteiros, transformados os edifícios em hospitais e casas de abrigo da população agoniada.

Naquela dolorosa contingência muita gente, pela vez primeira, compreendeu o que representa e o que vale o Bispo cheio de fé e de virtudes numa grande cidade e qual a beleza das almas piedosas que não desertam nos momentos difíceis, para que a caridade cristã seja revelada em tôda a sua fulgurante e santa formosura. Atendidas 33.772 famílias, num total de 85.492 pessoas. Que relatório muito significativo!

O Governador do Estado de São Paulo, Dr. Altino Arantes, reconhecido aos inestimáveis serviços do Arcebispo de São Paulo

e dos católicos que lhe obedeciam docilmente o jugo amoroso, além de, por escrito, lhe ter levado seus públicos e oficiais agradecimentos, ofereceu-lhe um precioso e valioso mimo para seu uso pessoal. Quis o govêrno de São Paulo que, num objeto concreto e valioso e de eterna duração, ficasse perpetuada a sua gratidão, a quem tanto havia servido à causa pública em hora dificílima.

Brindou o Arcebispo de São Paulo com um artístico e precioso jôgo de vasos sagrados para o sacrifício da Missa, completado com formosíssima custódia para a exposição do Santíssimo Sacramento.

Logo, o Arcebispo D. Duarte se dispensou de guardar para síem sua residência particular, a valiosa oferta que lhe fizera em caráter de brinde pessoal. Ofereceu-a ao Tesouro da Cúria, aquele lindíssimo escrínio de objetos sacros e preciosos, pelo valor e pela origem, que é a admiração e o encanto de quantos o tem visitado:

"Que teria feito eu, sem o meu clero, sem as ordens religiosas, sem as minhas irmãs de caridade, sem os meus filhos leigos, que todos deram a linda lição de civismo, de piedade e de caridade que tanto enobreceu São Paulo?

Porque considerar meu aquilo que recorda o sacrifício de todos os católicos, que estiveram comigo na luta e que a tantos custou a vida? Não! Que fique no Tesouro da Cúria Metropolitana, que é patrimônio comum da Igreja, da comunhão de todos os fiéis".

Em tudo e sempre o desprendimento. Em tudo e sempre a compreensão nítida das suas responsabilidades, a generosidade, a sêde de se apagar onde, com justiça, deveria fulgir a alma caridosa do Pastor que se sente feliz quando se vê obedecido e compreendido, por todos os católicos e pelos mesmos que não o sejam, nas grandes crises em que Jesus Cristo e sua Igreja dão ao mundo o testemunho de que o Senhor, na verdade, é Êle o AMOR, e de que a sua Igreja, na verdade, foi por Êle instituida para executar-lhe os mandamentos e os seus Evangelhos.

O **segundo episódio** de recordação penosa dos horrores da guerra civil,mais bárbara e cruel que a guerra internacional, é pesadêlo de que ainda estamos mal despertos e que enche de grande tristeza os corações que, traspassados de angústias, pulsaram naqueles dias aflitos no ambiente fumarento e fragoroso, que reinou na cidade, foi a revolução de **Isidoro Dias Lopes** (5 de julho de 1924). **Carlos de Campos** era o décimo segundo Presidente de São Paulo, **Artur Bernardes** o Presidente da República; ambos reagiram.

Em outras proporções, a cidade ficou de novo e por certo ainda mais deserta, e que não foi menor a onda de terror que

avassalou a população. O êxodo foi de mais vasta intensidade. Parecia que a todos os ouvidos um brado infernal ecoava no ambiente: Salve-se, quem o puder! Ficaram na cidade de São Paulo aquêles que, por nobres intuições de seus deveres profissionais, de médicos, farmacêuticos e enfermeiros, julgaram-se obrigados a jogar a vida para cumprí-los fielmente; alguns abnegados cidadãos de almas nobres e dedicadas à causa pública; e a massa imensa dos anônimos, os pobres, o povo humilde que, desvairado, nem sabia para onde correr, fugindo à morte horrível, colocado, como ficou, entre as linhas de fogo intenso das fôrças que se batiam. E ficou, mais uma vez, o Arcebispo, com o seu clero regular e secular, as suas irmãs de caridade, todos de pé, serenos e impávidos, cumprindo os seus deveres de sacerdotes e de servas da caridade na cidade flagelada.

Aconselhado para que se retirasse da capital, D. Duarte respondeu, fiel à tradição multissecular da Igreja, como já Santo Agostinho, em idênticas condições, respondera ao mesmo conselho: — O meu clero e as minhas irmãos de caridade, serão os últimos a partir e só o farão quando na cidade não mais houver ninguém carecendo de seus serviços. Após o último padre e a última religiosa, quando a cidade fôr um completo deserto ou um montão de ruinas, onde só vagueiem as sombras dos mortos, então e só então ao Bispo também é lícito partir. Antes, não! Permanecerei no meu posto, cumprindo os meus deveres de Arcebispo de São Paulo.

Acompanhado do Prefeito, Firmiano Pinto, dirigiu-se ao acampamento legalista, em automóvel com bandeira branca. Pleitearam ambos junto do comando geral a cessação do bombardeio contra São Paulo e a paz geral.

Temendo ficar detido, escreveu "tendo de ausentar-nos em serviço público e religioso, nomeamos Monsenhor Chantre Pereira Barros e Revdo. Arcipreste Martins Ladeira governadores da Arquidiocese".

O serviço poderia ser dividido em vista da anormalidade da situação.

São Paulo, 23 de julho de 1924.

De fato, D. Duarte esteve em Guaianazes onde se acampava a tropa legalista, porém voltou à tarde. A nomeação supra não teve execução por desnecessária.

Mais uma vez, em o Arcebispo de São Paulo fulgia a perfeita noção de seus deveres de Pastor das almas, a encarnação do BOM PASTOR da parábola evangélica, o que não foge quando os lobos rondam o aprisco, o que dá a vida pelas suas ovelhas. E nêle fulgia ainda o senso de suas responsabilidades, como cidadão e como administrador, cujos exemplos ou serão funestíssimos aos

que dele dependem ou serão fontes de manifestações de belezas morais, como as deram o clero e as religiosas, todos permanecendo nas suas matrizes, nos seus mosteiros transformados em asilos e hospitais de sangue, vivendo nas inúmeras casas de caridade onde milhares de vidas lhes estavam confiadas como enfermeiras ou quais mães desveladas". (26)

No **terceiro episódio**, invasão de São Paulo pelas tropas do sul e posse de Getúlio Vargas no govêrno do Brasil. D. Duarte se manteve sempre na mais profunda reserva e silêncio absoluto, durante todo o período desta situação política getuliana.

Lembrou Alberto Prado Guimarães a visita dos revolucionários a D. Duarte, que mandou abrir os portões do palácio. A um viva dele Guimarães, ao arcebispo D. Duarte, a turba respondeu afirmativamente e a passeata se dissolveu amistosa. (27)

Aplicou D. Duarte o ano anterior a 1929, no Jubileu de Nossa Senhora Aparecida (5 a 8 de setembro). Vimos as comemorações com magnífico congresso local, quando era Papa Pio XI e Núncio Apostólico no Brasil, D. Aloísio Masella. Foi a origem de acrescentar **Nossa Senhora Aparecida** à padroeira do Brasil (16 de julho de 1930).

Na revolução constitucionalista de São Paulo, **quarto episódio**, porém, retomando novo alento paulista de heroicidade, uniu-se D. Duarte aos maiores componentes do protesto de 1932, 9 de julho, contra a ditadura de Vargas.

No seu pronunciamento aos Bispos do Brasil, afirmava que não era grito de origem comunista: tal herva daninha "trouxe-a para São Paulo a moxila de certos próceres de 1930". O brado paulista, embora com as armas nas mãos, queria a constitucionalização do país tão sòmente! Movimentou tôda a Arquidiocese.

No manifesto ao episcopado dizia ainda D. Duarte que dos treze bispos da Arquidiocese só quatro eram paulistas. Outros mineiro, alagoano, carioca, baiano e paranaense.

Eram insuspeitos para falar sem pecha de bairrismo, estreito e pequenino, muito menos separatismo, certo que ama São Paulo "engastado nessa jóia finamente burilada que é o Brasil das nossas aspirações".

A Missa campal de 28 de julho de 1932, em intenção dos voluntários do batalhão Arquidiocesano foi celebrada pelo P.e Ernesto de Paula, chanceler do Arcebispado. Ao Evangelho pregou o Cônego Dr. Francisco Bastos. Falou depois o Dr. Paulo Setúbal. O batalhão desfilou, à tarde, pela cidade, com a guarnição completa, sob aplausos gerais.

---

26) «Esbôço Biográfico de D. Duarte Leopoldo e Silva, págs. 139 e segs.

27) «Diário Popular», 4-4-1967, 1º caderno, pág. 11.

A 2 de outubro de 1932, o Coronel Herculano de Carvalho depôs o governador Pedro de Toledo. Passou o govêrno ao general Waldomiro Castilho de Lima. E a revolução paulista terminou assim bruscamente. . .

No manifesto ainda dizia D. Duarte aos Bispos:

"São Paulo em pêso, oprimido e humilhado, queria reconquistar os seus foros de civilização numa guerra civil. "Fez bem, ou fez mal? Não nos cabe decidí-lo. Registramos apenas um fato".

D. Duarte trouxe a imagem de Nossa Senhora Aparecida a São Paulo e a escondeu na casa da família Cintra, que morava em frente a seu palácio. Lá ficou até o fim da revolução.

Além do manifesto ao episcopado brasileiro, telegrafou a 19 de julho d e1932 ao Cardeal D. Sebastião Leme — Palácio São Joaquim — Rio de Janeiro, nêstes têrmos:

"Testemunha do movimento incoercível que se apoderou de nossa gente, no propósito cristão de evitar maior derramamento do generoso sangue brasileiro, com o pensamento voltado para Deus, apelo para os sentimentos patrióticos de V. Eminência, no sentido de alcançar solução honrosa para o nosso Brasil fortemente unido sob a égide da lei. Duarte, arcebispo de São Paulo".

Quando dois oficiais do Exército, após a peleja, foram convidar D. Duarte para a posse do General Waldomiro Castilho de Lima no govêrno de São Paulo, como aparato militar bélico, ouviram a resposta negativa. Insistindo que era o próprio General quem o convidava, retorquiu-lhe D. Duarte: Ide dizer a vosso chefe que o Arcebispo não irá à posse dêle, governador. Se quiser poderá mandar prender-me; aquí estou em meu palácio.

Realmente não foi mesmo à posse decantada, porém, não foi prêso. Tal informação nos foi fornecida por Monsenhor Deusdedit de Araujo, autor de várias monografias que retratam com brilho as fulgurantes atividades de D. Duarte, bem como fez o mesmo o Professor Francisco da Silveira Bueno. Outrossim, Monsenhor fez depois conferências no Clube Piratininga, no jubileu do Arcebispo.

Contou-nos ainda que certa feita um padre visitou D. Duarte; estavam passeando no jardim, quando o Arcebispo, querendo fumar, perguntou ao padre: o senhor quer um cigarro?

— Obrigado, Ex.ª, eu não fumo, retorquiu o padre.

— Não tem êsse vício? — inquiriu D. Duarte.

— Não é vício, acrescentou o padre, condescendente, se fôsse vício V. Ex.ª não fumaria! Sentenciou D. Duarte:

— Virtude também não é, porque se fumar fôsse virtude, V. Revma. por certo fumaria.

Entretanto, D. Duarte fumava muito pouco; em cada cigarro aspirava uma só profunda tragada.

— VI —

OS ÚLTIMOS ANOS

1. **Adoração, Consagração, Testamento e Cardinalato**

D. Duarte visitava com assiduidade o centro da Adoração Perpétua ao SS. Sacramento, em Santa Ifigênia.

O Seminário Central do Ipiranga foi inaugurado a 19 de março de 1934, coma presença do Núncio Apostólico D. Aloísio Mesella, dos bispos da província paulistana, clero, autoridades civís e militares e convidados especiais.

D. Duarte, mentor do empreendimento, estava contente, vendo surgir do nada obra tão majestosa e construção tão necessária e ampla.

Nessa época (1934), Mons. Ernesto de Paula fôra nomeado Vigário Geral, em substituição a D. Gastão Liberal Pinto, eleito Bispo-Coadjutor de São Carlos. P.e João Kulay fôra indicado para o cargo de arquivista da Cúria Metropolitana. Nessa ocasião D. Duarte disse que "os acêrtos do Vigário Geral são glórias próprias dêle, Vigário Geral; seus êrros pertencem ao Arcebispo". Ninguém entendeu o porque da afirmação.

D. Duarte sagrou os seguintes bispos: — D. Alberto José Gonçalves, em Curitiba — 2 de fevereiro de 1909; D. José Carlos de Aguirre, em Bragança — 8 de dezembro de 1924; D. Luiís Santana — São Paulo — 4 de abril de 1929; D. Florentino Simon Garriga — São Paulo — 21 de junho de 1931; D. Vicente Priante — São Paulo — 23 de julho de 1934; D. Gastão Liberal Pinto — São Paulo — 20 de maio de 1934; D. José Gaspar de Afonseca e Silva — São Paulo — 28 de abril de 1935.

Benção de abades: — D. Alderico Lambrechts — Premonstratense; D. Domingos de Silos Schelhorn — Beneditino.

Abadessa: — Madre Gertrudes Cecília da Silva Prado, Beneditina.

Secretários de D. Duarte: — Padres: Péricles Barbosa; Ângelo Sangirardi; Arquibaldo Ribeiro; Alfredo Meca; Deusdedit de Araujo; Álvaro de Lima; Francisco Bastos; João Batista de Carvalho; Manuel da Silveira D'Elboux e Sílvio de Morais Matos.

D. Duarte, em seu **testamento**, feito em Aparecida a 8 de dezembro de 1933, dizia que tudo que após as ua morte fôsse encontrado em seu palãcio, em São Paulo, ou Vila Betânia, pertencia à Mitra Arquidiocesana. Ajudou os parantes em vida quanto lhe fôra possível; nada mais tinha a deixar-lhes.

Se após a sua morte houvesse **deficit**, que lhe relevassem o débito, se saldo — menos provável — fôsse distribuido aos pobres, integralmente.

Quanto ao clero, dizia positivamente: "Sempre amei, protegí e amparei aos meus padres, sem distinção alguma, muitas vezes sem que êles o soubessem ou suspeitassem sequer. Era um dever do bispo para com os ministros de Deus e cooperadores leais no penoso amanhã da vinha do Senhor".

O elogio ao clero primou pela verdade: "O clero paulista póde fazer o santo orgulho de qualquer bispo, que nêle sempre encontrará verdadeiro culto e decidida cooperação. Pesa-me de não o ter edificado quanto me cumpria, guiando-o e dirigindo-o com mais inteligência e piedade".

"No exercício da minha jurisdição, sem as qualidades morais e intelectuais para a direção de uma diocese como a de São Paulo, poderia ter errado, errei muitas vezes, é certo. Nunca, porém, agí por malícia, capricho, malevolência ou acepção pessoal. De caráter naturalmente áspero, jamais permití que as minhas antipatias pessoais tivessem parte nos atos de meu govêrno. Por isso, pedindo aos meus padres muito perdão pelas máguas que lhes tenha causado como superior, nada tenho que me arrepender das providências mais ou menos enérgicas . . .

Nomeou, sem necessidade, três testamenteiros: D. Gastão Liberal Pinto, Monsenhor Alberto Teixeira Pequeno e Monsenhor Felisberto Marcondes Pedrosa, mais para arrecadação à Arquidiocese dos utensílios das moradias do Arcebispo, pois dinheiro não havia nada. Era mesmo pobre de verdade.

Em 31 de outubro de 1934, o Cardeal de Disboa, Dom Manuel Cerejeira, visitou São Paulo.

Vem a propósito o Cardinalato de D. Duarte.

Ainda D. José Gaspar de Afonseca e Silva estudava na Universidade Gregoriana, Roma, a espôsa do Embaixador brasileiro Azeredo, acreditado junto à Santa Sé, foi ao Colégio Pio Latino Americano e procurou os alunos do Brasil. Disse-lhes, com o máximo sigilo, que seu marido estava tratando do Cardinalato de D. Duarte. Logo depois continuou a guerra européia e a revolução de São Paulo; o caso ficou paralizado.

Quando D. Ernesto de Paula era Vigário Geral, o Padre Milini, Provincial dos Padres de São Carlos foi procurá-lo para lhe dizer que o Embaixador Italiano junto ao govêrno brasileiro estava interessado em pleitear junto à Santa Sé o Cardinalato para D. Duarte, à vista de seus trabalhos gerais e em especial para com a colônia italiana.

Queria, porém, saber como D. Duarte iria receber a idéia. D. Ernesto disse ao Padre Milini que na primeira oportunidade perguntaria a D. Duarte a sua impressão.

Após alguns dias, estando em despacho com D. Duarte, perguntou-lhe D. Ernesto, vendo a sua euforia e bom humor: Sr. Arcebispo, o embaixador italiano — segundo o Padre Milini —

quer propôr à Santa Sé o Cardinalato para V. Ex.ª. Seria de seu agrado tal distinção?

D. Duarte respondeu: — Diga ao Padre Milini, ao Embaixador, a todos que querem bem ao Arcebispo de São Paulo que não fale mmais nêste assunto. São Paulo, certamente, será séde cardinalícia, porém, no momento não está ainda preparado para essa honraria insigne.

Foi assim desfeita mais uma vez a idéia do Cardinalato a São Paulo, naquela oportunidade.

2. Escritor e Virtuoso

D. Duarte era escritor primoroso; outrossim historiador emérito. Foram publicadas as seguintes obras suas:

2. Saudação a Curitiba;
1. Carta de despedida ao Vigário de Santa Cecília e outra a;
3. Despedida;
4. No Calvário — Sermões da Paixão, pregados em Santa Ifigênia — 1915, 1916, 1917, 1918 e 1920 (Igreja Nossa Senhora do Carmo);
5. Pela Família;
6. Oração aos Moços;
7. Migalhas;
8. Pastorais (dez cartas);
9. Concordância dos Santos Evangelhos;
10. Iluminuras;
11. O Clero e a Independência;
12. Notas históricas:
    a) Capelas de Araçariguama e seus Fundadores;
    b) Mogi das Cruzes e seus Fundadores;
    c) Barueri e Parnaíba;
    d) Cotia;
13. Regulamento da vida Sacerdotal;
14. Circulares; além de muitas outras advertências:
    a) Nem Política nem Revolução (1924);
    b) Apresentando seu Bispo Auxiliar, D. José Gaspar de Afonseca e Silva.

Poderia ser acadêmico, porém não o foi. Entretanto, o Dr. Altino Arantes elogiou-o como escritor e orador:

"Ora, de ninguém sei eu, no Episcopado brasileiro dos nossos dias, que mais que D. Duarte, tenha falado e escrito em prol da Religião e da Igreja.

E, falando ou escrevendo, o seu pensamento é sempre elevado; os seus propósitos são sempre nobres; a sua doutrina é sempre pura e o seu estilo — vazado todo nos moldes de ouro do mais

puro vernáculo — envolve-se naquela límpida e castiça sonoridade, que não é a dissonância cava e rouca do **aes sonans**; mas, sim, a harmonia indizível da voz paternal que — insinuante no conselho, persuasiva no incitamento, grave e digna na admoestação — desce até ao fundo dos corações, solicita as inteligências, tonifica as energias, convalesce os espíritos na Sabedoria e na Virtude.

Despeça-se D. Duarte dos seus paroquianos de Santa Cecília ou dos seus diocesanos de Curitiba; saúde aos seus jurisdicionados do Paraná ou de São Paulo; convoque o seu clero para a "cura espiritual" dos retiros periódicos; preconize aos fiéis a constituição cristã da família sôbre a base que, única, lhe confere uma estabilidade quase divina"; doutrine sôbre o mistério sôbre os prodígios da Sagrada Eucaristia; reivindique para a imprensa católica a liberdade de crítica — igual, pelo menos, à que desfrutam, à sombra da nossa timorata legislação, os jornais subversivos da ordem social e religiosa; ou, nos dias calamitosos da guerra, "em hora de justas apreensões", proclame ao Brasil inteiro que, para dentro das fronteiras, "só deve haver um partido — o brasileiro; um único rumo — a honra da Nação; uma única estrêla — a Pátria enobrecida e respeitada"; — as suas pastorais, os seus mandamentos e as suas cartas florescem, afestoam-se, exuberam as lições sazonadas e fecundas. Bracejam archotes flamejantes a clarear as consciências e a norteá-las nas veredas ásperas e íngremes do Dever da Perfeição.

O púlpito ou a tribuna, a que êle assome para a prática ou para o sermão, para o discurso ou para a conferência, súbito, vibra de eloqüência. Fulgura. Irradia..." (28)

Virtudes particulares de D. Duarte — A devoção à Santíssima Eucaristia sôbre o que maravilhosamente escreveu carta pastoral e estabeleceu adoração do Santíssimo Sacramento em tôda a arquidiocese por intermédio do P.e Francisco Cipullo; promoveu Congressos e belíssimas Semanas Eucarísticas, Vésperas Cantadas em Santa Cecília, Adoração Perpétua em Santa Ifigênia e Procissão de Corpus Christi, soleníssima.

Celebrava diàriamente a santa Missa e quando não podia fazê-lo comungava na Missa do secretário particular. Visitava freqüentemente a capela de seu palácio, onde conservava o Santíssimo Sacramento com imenso carinho.

Teve uma vida eucarística em tôda dimensão efusiva.

Contou-me o Sr. Campos, encarregado de reorganizar a livraria do Palácio arquiepiscopal que, várias vêzes por semana, vindas do quarto contíguo à biblioteca, onde D. Duarte dormia, ouvia pancadas de quem se flagelava! Assim, D. Duarte usava para se dominar, o meio violento usado pelos santos: a **flagelação.**

28) Dr. Altino Arantes — «Passos do Meu Caminho», pág. 247.

As virtudes teologais, porém, resplandeciam com mais fulgor na cintilante fé firme em Deus Onipotente. A esperança, óculo verde da confiança nas promessas divinas, dominava os atos totalmente pacientes em D. Duarte. A caridade, já lembrada, iniciada e consolidada no amor de Deus, atingia o próximo em geral e os pobres em particular, com extremo carinho. A prudência, fortaleza, temperança, justiça, virtudes cardeais, nunca faltavam na vida inteira de D. Duarte, até morrer.

A paixão de Cristo o empolgava em afetos agradecidos e os expandia nos maravilhosos sermões de sexta-feira santa.

A devoção mariana estava arraigada no coração de D. Duarte, desde a infância; rezava o têrço todos os dias e até durante as viagens. Assistiu congresso em Lourdes; visitava sempre Aparecida. Escreveu várias páginas de mariologia cristã. O mês de Maria, quando vigário de Santa Cecília, ficou famoso. Promovia romarias marianas.

A sua veneração aos Santos tornou-se patente, em tôdas as pontificais nas maiores festividades, maximé aos padroeiros do Arcebispado: Nossa Senhora da Assunção, São Paulo e Santana. As paróquias criadas contém denominações dos santos ali venerados e onde comparecia com freqüência.

A humildade de D. Duarte tocava a raias incompreensíveis. Basta uma frase que certa vez pronunciou para se provar a suma humildade: "São Paulo deve tanto aos Jesuítas que eu, seu Arcebispo, não me envergonharia de ajoelhar-me para beijar os pés ao último irmão leigo da Companhia de Jesus". Eis aí, que humildade extraordinária!

Sua caridade era imensa, sempre oculta, diária e carinhosa não só aos familiares, porém até aos estranhos, aos quais deixou em testamento o possível saldo nas suas contas.

Seu amor materno era esplendorosamente encantador. Às tardes, após o jantar, mandava colher a mais bela rosa do seu jardim e levava à sua mãezinha de igual nome da flor **Ana Rosa.** Enquanto ela viveu foi assim sempre mimoseada por seu filho amorosíssimo entre os que mais o sejam.

Saudando-o, certa vez, em nome do clero, eu lhe dissera que aquela flor retornava às suas mãos gentis na veneração e obediência integral dos sacerdotes da Arquidiocese de São Paulo. D. Duarte gostou da recordação de sua veneranda mãe e da rosa que lhe oferecia, símbolo do seu amor filial.

Êle era abstêmio; às vêzes nas refeições só tomava um prato de sopa ou apenas dois ovos quentes. Nada mais.

Dava diàriamente expediente na Cúria Metropolitana, das 13 às 15 horas. Ao chegar, o porteiro tocava a campainha e todos os funcionários iam beijar o anel do Arcebispo. Depois, cada um para o seu serviço efetivo.

As nomeações de vigários, coadjutores, capelães e outros despachos ou avisos e circulares eram enviados ao Secretário Geral do Arcebispado em **memoranduns** que existem encadernados. Tudo era muito bem pensado, ordenado, perfeitamente executado e anotado em livros próprios. Nos últimos anos atendia sòmente no Palácio, das 17 às 18 horas.

D. Duarte recolheu no Arquivo da Cúria todos os livros paroquiais anteriores ao Código do Direito Canônico.

D. Gastão Liberal Pinto, quando vigário de Santa Ifigênia, recorreu à Santa Sé, pois as paróquias ficavam sem os livros antigos e o Código obrigava duplicata para ficar na paróquia e o outro na Cúria, tão sòmente após a sua execução — 1918.

Explicou D. Duarte à Santa Sé que era intuito a conservação dos livros, pois nas paróquias êles se deterioravam. Tal insinuação foi cândidamente aceita e mantida a ordem do Arcebispo.

D. Duarte ia aos ofícios da Catedral, nos Pontificais, Semana Santa, todos os domingos da quaresma e do advento. Não faltava jamais. Perfeito no horário. Visitava com assiduidade e sumo interêsse os seminários Menor de Pirapora e o Maior na Luz, depois no Ipiranga.

Chamava todos os superiores de Ordens Religiosas, para conferências íntimas e freqüentes.

Interessava-se vivamente pelos colégios, orfanatos, casas de caridade e até presídios. Tinha, enfim, a alma mater de vigilante Arcebispo, pastor integral. Poucos o igualaram e nenhum o superou no zêlo apostólico.

D. Duarte descansava em Vila Betânia, Praia do Itararé, em São Vicente. Lá se encontrava com o ilustre historiador e pintor Benedito Calixto de Jesus, que vinha da R. Martim Afonso, 192, para conversar assìduamente com o Arcebispo, horas a fio. Assunto: história, religião e arte, em porfiadas recordações de personagens ilustres e fatos antigos notórios em companhia de Capistrano de Abreu, Domingos Jaguaribe e outros historiadores e amigos.

O Dr. Altino Arantes encerrou o seu elogio a D. Duarte:

"Ao seu contacto eletrizante, acordam as tibiezas sonolentas. Choram as contrições regeneradoras. Caminham os paralíticos da indiferença. Extirpam-se os erros e as heresias. Dissipam-se as dúvidas. Desmentem-se as mentiras. Regeneram-se as negações estéreis e esterilizantes. Confirmam-se as afirmações da Fé que fecunda e salva...

Mas é, sobretudo, na contemplação e no comentário dos Passos ensanguentados, em que se completou a Divina Tragédia; é junto da cruz do Redentor; é no Calvário que a sua alma se desvela, inteira, em místicos e enternecidos colóquios com êsse "pobre e humilde Crucifixo, banhado das suas lágrimas, escondido na penumbra de uma cela, mas que, no entanto, brilha... e

ilumina a vida e a morte, o sofrimento e o prazer, o tempo e a eternidade". (29)

Os últimos Vigários Gerais de D. Duarte foram: Mons. Emílio Teixeira, Mons. João Evangelista Pereira Barros, Mons. Dr. Gastão Liberal Pinto e Mons. Ernesto de Paula. Provisor da Mitra, Mons. Nicolau Cosentino.

3. Bispo Auxiliar

"Quando D. Duarte sentiu que, pelo excesso dos trabalhos, pelo avançar da idade e precariedade de sua saúde, lhe vacilavam as mãos ao empunhar o báculo pastoral, solicitou à Santa Sé a graça de ser concedido um auxiliar.

Obteve-o, na medida dos seus desejos, na altura das responsabilidades que lhe seriam confiadas, na pessoa de um dos mais ilustres e virtuosos alunos do seu Seminário, então Reitor, que o conhecia desde 1917.

D. José Gaspar de Afonseca e Silva foi sagrado por D. Duarte, como seu Bispo Auxiliar, no dia 28 de abril de 1935. Essa preciosíssima aquisição para o Arcebispo e a Arquidiocese de São Paulo, não foi considerada por D. Duarte como um direito ao repouso", embora tivesse o seu **baculum senectutis** em seu auxiliar poderoso e servidor emérito.

"Nunca abdicou a alta superintendência do govêrno de sua amada Arquidiocese, porque D. Duarte tudo dirigia e controlava, com a mesma e habitual lucidez de espírito e com a mesma firmeza de atitudes". Procurou D. José documentos para escrever a vida de D. Duarte. Não terminou o trabalho.

Só o golpe desapiedado da morte conseguiu arrebatar das mãos de D. Duarte, já inertes, o báculo pastoral. Foram ordenados 209 sacerdotes no tempo de D. Duarte, os últimos por D. José.

"Quem, no dia 8 de novembro, assistiu à assembléia anual da Obra das Vocações Sacerdotais, no salão nobre da Cúria Metropolitana, e, no dia seguinte, às festas solenes comemorativas do 82.° aniversário da fundação do Seminário Provincial, guardará na alma, com profunda emoção, a figura meiga e nobre, presente àqueles atos, do Arcebispo de São Paulo. E longe estaria, por certo, de imaginar então que, poucos dias depois, D. Duarte seria prostrado pela morte.

No dia 12, após as orações da noite feitas com os seus íntimos, na capela do palácio, recolhera-se aos seus aposentos, bem disposto.

Por volta das 22 horas começou a sentir-se mal. Infelizmente, não era apenas uma crise passageira, mas o prenúncio

29) Dr. Altino Arantes — O. C., 248.

de um desfêcho sombrio. Assistido pelos seus médicos, cercado de parentes, sacerdotes e amigos mais íntimos, recebeu a absolvição e a extrema-unção das mãos de D. Alberto José Gonçalves, que fôra seu mestre no Seminário de São Paulo, seu Vigário geral, quando Bispo de Curitiba, e finalmente seu colega no Episcopado.

O piedoso Arcebispo acompanhou a devota e comovente cerimônia do ritual para os agonizantes, com admirável calma, dizendo as frases do ritual que lhe cabia pronunciar.

Depois, pediu a imagem do Crucificado; fixou nela o seu olhar profundo e imóvel; levou-a piedosamente aos lábios e osculou-a, deixando-a depois cair sôbre o peito.

Seus olhos cerravam-se para sempre, sem estertores, sem contorsões musculares, como se adormecesse num doce sonho.

Estava morto o Arcebispo de São Paulo. Era a hora 1,45 da manhã de domingo, 13 de novembro de 1938". (30)

Assinaram a ata do falecimento os presentes ao desenlace: D. Alberto José Gonçalves, Bispo de Ribeirão Prêto, Mons. Ernesto de Paula, Cônego Dr. Nicolau Cosentino, Cônego Deusdedit de Araújo, P.e João Kulay, P.e Paulo Aurisol C. Freire, P.e Sílvio de Morais Matos, Dr. Urbano Silveira, Isaltina Vieira Leopoldo e Silva, Flósculo Vieira e Margarida Leopoldo e Silva.

Ao ser o Arcebispo embalsamado pelo Dr. Alcides Leal da Costa, êste o fazia de joelhos. Alguém ponderou que seria melhor colocar na cama o corpo de D. Duarte, assim êle trabalharia de pé. O médico respondeu: "Homem como D. Duarte, só se poderá servir de joelhos".

4. Testamento

D. Duarte não fêz testamento legal, por nada ter para testar. Vimos os tópicos principais da sua última vontade, em 1933.

O livro de contas na Cúria Metropolitana, de 1938, relata que D. Duarte tinha doado a várias instituições que sempre auxiliava, os poucos mil réis de saldo. De modo que, ao morrer, o **deve** e **haver** eram igual a zero. Nada sobrou. Nada mesmo!

A poesia seguinte retrata o seu humilde testamento:

"Oh! almas feitas para a luz e feitas
Para a glória dos céus, imorredoura!
A vós, oh! almas puras e perfeitas,
Recomendo a minha alma pecadora!

30) D. Frei Luís Maria de Santana — «Oração Fúnebre de D. Duarte Leopoldo e Silva», págs. 13 e 14.

A vós, almas piedosas, nada deixo.
E nada deixo, porque nada tive...
Graças a Deus, fui pobre, e não me queixo...
Deus olha aquêle que em pobreza vive...

Entretanto, apraz-me confessar, e o faço,
Testemunhando a minha gratidão:
A vós que me seguistes, passo a passo,
Devo ter tido tudo à minha mão...

Vossa constância e generosidade
Tocaram as raias do milagre, até...
Por elas fiz obras de caridade
E milagres esplêndidos de fé!

Por isso, oh! almas puras, generosas,
Nada vos deixo que um pedido só:
As vossas orações, tão preciosas,
Para a minha alma, pobre como Job...

E é temendo, mais dias, menos dias,
Ir levar à presença do Senhor
Minhas vazias mãos, brancas e frias,

Que vos suplico, pela minha dor:
Por Deus enchei as minhas mãos vazias
Com as vossas preces e com o vosso amor!" (31)

Todos os trabalhos de zêlo e apostolado em São Paulo, desde a posse de D. Duarte a 14 de abril de 1907, em substituição a D. José de Camargo Barros, são evidentes. Paróquias novas, associações de todo gênero, aumento colossal de casas religiosas, templos, escolas, tudo enfim que pudesse acompanhar o surto maravilhoso do progresso paulista. Catedral gótica, Seminário moderno e amplo, quanta coisa para cantar o nome de D. Duarte: "Et lapides clamabunt".

Até nos últimos anos de sua vida realizou o seu dístico episcopal. Alquebrado fisicamente, encontrava sua firmeza primeiramente em Deus: **Ipse firmitas et auctoritas mea.**

A Eucaristia era o seu centro de atração. Vivia contìnuamente diante do Santíssimo Sacramento, governava de joelhos diante de Jesus Hóstia, a firmeza de sua vida cristã e sacerdotal. E foi por isso que Deus lhe dera arrimo e assistência acolhedora na família dedicada e modelar cujo zêlo e afeição concretizam-se em D.ª Isaltina, a irmã carinhosa e benemérita.

31) Judas Isgorogota, para a «Fôlha da Manhã».

Foi também por isso mesmo que Deus lhe oferecera, no recesso do palácio e para companheiro de suas viagens, a dedicação filial do secretário. P.e Sílvio de Morais Matos. E quem não vê a Providência agindo prodigiosamente enviando o Anjo auxiliar da Diocese, nos últimos quatro anos, D. José Gaspar de Afonseca e Silva!

Ainda coroando tudo isto, essa plêiade ilustre dos sacerdotes de São Paulo, cooperadores decididos nos trabalhos apostólicos. Foi justamente porque o clero paulopolitano compreendeu a grandeza do seu Arcebispo, ordenando tudo em nome de Deus, **Ipse firmitas et aucoritas mea**, que a Arquidiocese progrediu e triunfou. A par dos padres e conventuais de ambos os sexos, bons e virtuosos, os fiéis tão obedientes, tão disciplinados. Não vimos no entêrro de D. Duarte a multidão poleiforme dos diocesanos em respeitosa e venerável atitude acompanhando seu Grande Metropolita ao túmulo?

D. Duarte desempenhou suas funções arquiepiscopais das mais fecundas e salutares. Como sol fulgurante que iluminou a arquidiocese durante longos anos teve o seu penumbroso ocaso e se despediu dos presentes ao seu desenlace, na maior nobreza de quem não levou nada dêste mundo a não ser os agradecimentos, bênçãos dos beneficiados e méritos de suas particulares excelsas virtudes. Dorme tranqüilo quem, durante 71 anos, 7 meses e 9 dias, cumpriu a lei evangélica, amando a Deus sôbre tôdas as coisas e ao próximo por amor de Deus.

Executou o que escrevera no santinho de posse: **Laus Deo, proximo salus, mihi labor.**

De fato sua vida fôra um contínuo cântico de louvor a Deus, dia e noite. Cuidou sempre, como ninguém, da salvação eterna dos seus diocesanos. O trabalho nas paróquias e nas dioceses em que serviu, notória e proficientemente, mostra a veracidade do seu propósito de trabalhar, confiado em Deus: **Ipse firmitas et auctoritas mea.**

Trabalhou até morrer, pois sòmente a 13 de novembro de 1938 conseguiu o descanso profundo.

Realmente Jesus Cristo fôra a firmeza de D. Duarte Leopoldo e Silva, a garantia absoluta de sua autoridade. Que admiração, portanto, que seja Êle sua glória, recompensa e sua bem-aventurança por todos os séculos dos séculos?!

Assim seja.